



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas – Campus V
Licenciatura em História

Pedro Paulo Araújo de Jesus

DO *FRONT* EUROPEU PARA AS TERRAS DO UNA:
mobilizações populares e cotidiano em Valença durante a Segunda Guerra Mundial
(1942-1945)

Santo Antônio de Jesus
2020

PEDRO PAULO ARAÚJO DE JESUS

DO *FRONT* EUROPEU PARA AS TERRAS DO UNA:

mobilizações populares e cotidiano em Valença durante a Segunda Guerra Mundial
(1942-1945)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. Augusto César Machado Moutinho

Santo Antônio de Jesus
2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

J58d

Jesus, Pedro Paulo Araújo de

Do *front* europeu para as terras do Una: mobilizações populares e cotidiano em Valença durante a Segunda Guerra Mundial (1942-1945)/ Pedro . – Santo Antônio de Jesus, 2020.

98 fls.

Orientador(a): Prof. Me. Augusto César Machado Moutinho

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de História. Santo Antônio de Jesus, 2020.

Inclui Referências.

1. História da Bahia. 2. Valença - conflitos. 3. Economia - População valenciana. I. Moutinho, Augusto César Machado. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 981

PEDRO PAULO ARAÚJO DE JESUS

**DO FRONT EUROPEU PARA AS TERRAS DO UNA:
MOBILIZAÇÕES POPULARES E COTIDIANO EM VALENÇA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1945)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Santo Antônio de Jesus, 28 de dezembro de 2020.

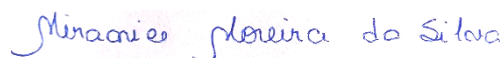
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Augusto César Machado Moutinho (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Prof. Me. Fernanda de Souza Lima
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Prof. Dra. Miranice Moreira da Silva
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço imensamente à minha mãe e avó, Jose Araújo e Raquel Araújo, por sempre me entusiasmarem no caminho que decidi trilhar, afirmando que a única educação que poderiam deixar para mim era a educação, essa conquista é nossa.

À minha companheira Ysamara Santos, pela admiração, paciência e zelo. Por sempre me ajudar nas dificuldades encontradas no processo de escrita e na vida, apoiando-me em todos os momentos.

Ao meu orientador prof. Me Augusto Moutinho, por confiar no meu potencial e na minha pesquisa, além de ser professor e mentor desde o ensino médio no Colégio Perspectiva.

Aos amigos estimados de Valença que me acompanham por todo esse tempo, especialmente à Thais Silva e ao grupo dos brothers do Almir Moraes e Perspectiva.

Às estimadas prof. Dra. Miranice Moreira e Me. Fernanda Lima, pelas aulas prazerosas e pelas orientações no ensino e pesquisa em História.

À melhor equipe do Campus V: Isadora Nadinne, Débora Nascimento, Juan Vitor, Robert Mercês e Paulo Vitor Luz. Obrigado pela irmandade estabelecida durante a trajetória na graduação.

Ao Campus V e a Universidade do Estado da Bahia, o ensino público de qualidade deve ser gratuito.

Aos depoentes, sobretudo as sras. Anátalia Correia e prof. Joanna Guimarães, que gentilmente cederam uma parte do seu tempo e memória, sendo extremamente importantes para esta pesquisa.

À Renata Ramos da Associação Baiana de Imprensa e todos os funcionários da Biblioteca Central do Estado da Bahia e do Memorial da Câmara de Vereadores de Valença.

Enfim a todos que de certo modo me auxiliaram na elaboração da pesquisa e na minha trajetória.

Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o cotidiano, manifestações e comícios ocorridos em Valença-BA entre 1942 e 1945, decorrente dos afundamentos dos navios Itagiba e Arará próximo ao município em 17 de agosto de 1942 pelo submarino alemão U-507 durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para isso são utilizadas obras referentes ao episódio, o Estado Novo e a relação entre o Brasil e a guerra, além de outros tipos de fontes, principalmente o relato de depoentes. Assim procura-se mostrar que a cidade litorânea foi uma das mais atingidas na Bahia diretamente e indiretamente na economia, cultura e relações sociais pela guerra iniciada na Europa. Para compreender esse contexto de guerra são utilizados três tópicos durante a pesquisa. Inicialmente é traçado um panorama geral sobre a Bahia durante o período, desde a Interventoria ao Carnaval da capital baiana. Posteriormente procura-se mostrar as diversas movimentações sociais que a população valenciana fez contra os ataques do Eixo e a favor do Brasil na guerra. Por fim é feita uma análise sobre as consequências em diversos aspectos na vida dos valencianos depois do envolvimento brasileiro no conflito global.

Palavras-chave: Conflito; Bahia; Rotina; População; Economia

ABSTRACT

This work aims to analyze the daily life, demonstrations and rallies that took place in Valença-BA between 1942 and 1945, resulting from the sinking of the ships Itagiba and Arará near the municipality on August 17, 1942 by the German submarine U-507 during World War II (1939-1945). For this, works related to the episode, the Estado Novo and the relationship between Brazil and war are used, in addition to other types of sources, especially the report of respondents. Thus, it is sought to show that the coastal city was one of the most affected in Bahia directly and indirectly in the economy, culture and social relations by the war initiated in Europe. To understand this context of war, three topics are used during the search. Initially, an overview of Bahia is outlined during the period, from the Interventionism to the Carnival of the capital of Bahia. Later, one seeks to show the various social movements that the population of Valença made against the attacks of the Axis and in favor of Brazil in the war. Finally, an analysis is made about the consequences in various aspects in the life of the people of Valença after the Brazilian involvement in the global conflict.

Keywords: Conflict; Bahia, Routine; Population; Economy

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Interventor Landulfo Alves em 1942.....	20
Foto 2 – Oswaldo Aranha na Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro.....	24
Foto 3 – Movimentação no bairro do Comércio após os torpedeamentos	27
Foto 4 – Cordão de travestidos no Carnaval de Salvador	37
Foto 5 – Walderez com seu pai em um hospital de Salvador	45
Foto 6 – Náufragos do Itagiba em Valença	47
Foto 7 – Avião do Aeroclube de Salvador enviado para Valença.....	48
Foto 8 – Campanha da Companhia Electrica da Bahia.....	58
Foto 9 – Vista panorâmica da praia de Guaibim, Valença-BA, [199-]	66
Foto 10 – Expedicionário Antônio Lessa Soares, 1943.....	74

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Municípios integrantes do Baixo Sul da Bahia	40
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Embarcações brasileiras atacadas pelo Eixo entre 1941 e março de 1942	26
Tabela 2 – Navios brasileiros atacados pelo <i>U-507</i>	41
Tabela 3 – Índice do custo de vida na cidade de São Paulo (1939-1945)	61
Tabela 4 – Preço do Cacau em Valença (1942-1943)	62
Tabela 5 – Variação do preço de gêneros básicos na Bahia (1942-1944).....	62
Tabela 6 – Salários na Bahia (1940-1943).....	63
Tabela 7 – Nacionalidade dos estrangeiros residentes em Valença (1940).....	70
Tabela 8 – Prisões realizadas na Bahia (janeiro e fevereiro de 1943)	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCIL – Associação de Defesa do Comércio, Indústria e Lavoura

Cel. – Coronel

CNA – Campanha Nacional de Aviação

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CVI – Companhia Valença Industrial

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

EUA – Estados Unidos da América

FAB – Força Aérea Brasileira

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RM – Região Militar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A BAHIA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	18
2.1 A GUERRA SE APROXIMA	21
2.2 AFUNDAMENTOS E A REAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	26
2.3 CRISE POLÍTICA NA INTERVENTORIA.....	30
2.4 “PROIBIR O CARNAVAL, NÃO ME PARECE ACERTADO”	33
3 A SOBERANIA AMEAÇADA	40
3.1 ITAGIBA E ARARÁ.....	43
3.2 OS NÁUFRAGOS EM VALENÇA.....	46
3.3 MOVIMENTAÇÃO SOCIAL	48
3.4 FESTA DA VITÓRIA.....	53
4 AS CONSEQUÊNCIAS NO COTIDIANO	56
4.1 CARESTIA E SOBREVIVÊNCIA	59
4.2 MEDO E <i>BLACKOUT</i>	65
4.3 E A COBRA FUMOU	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS.....	84

1 INTRODUÇÃO

A invasão alemã na Polônia durante a madrugada do dia 1 de setembro de 1939, marca o início da Segunda Guerra Mundial. O ataque do encouraçado *SMS Schleswig-Holstein* contra as guarnições polonesas em *Danzig* na Batalha de *Westerplatte* faz com que dois dias depois o Reino Unido e a França declarem guerra contra a Alemanha. Esse ato tem consequência diretas e indiretas em todo o mundo.

“Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial [...]”¹ Mesmo iniciada em território europeu, a geopolítica mundial é impactada com a Guerra. No Brasil, Getúlio Vargas no dia seguinte a invasão polonesa, emite um decreto-lei reiterando a neutralidade brasileira perante o conflito que acabara de iniciar. Desde junho de 1939, em uma reunião extraordinária do Conselho de Segurança Nacional, levando em consideração o contexto europeu decide desde já pela equanimidade.²

A situação brasileira durante o período é marcada por uma política pendular, o status oficial de um país neutro permitia acordos, negociações e verbas significativas com os Estados Unidos da América e a Alemanha. Todavia em meados de 1941, com a aproximação dos EUA com os Aliados e posteriormente o ataque a base estadunidense de Pearl Harbor é inevitável ao Brasil seguir a mesma orientação.

Com a quebra das relações diplomáticas com o Eixo em 28 de janeiro de 1942, expulsão dos embaixadores e perseguições aos cidadãos e descendentes destes países, o Brasil e suas embarcações tornam-se alvos dos *u-boats* eixistas – inicialmente na costa estadunidense, depois no litoral nacional – culminando na declaração de guerra brasileira em 22 de agosto de 1942.

O estado da Bahia acompanha ainda mais a movimentação da guerra diariamente com os torpedeamentos de navios ocorridas em seu território no mês de agosto de 1942, fevereiro e março de 1943. Com uma grande costa litorânea extremamente importante, a guerra torna-se mais próxima e visível depois desses acontecimentos.

A cidade de Valença, localizada no Baixo Sul baiano, é envolvida diretamente na guerra e em seus desdobramentos após os torpedeamentos das embarcações

¹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 30.

² MOURA, Gerson. **Neutralidade dependente**: o caso do Brasil, 1939-42. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 177-189, jan. 1993, p. 177.

Itagiba e Arará ocorrerem em um espaço próximo a praia de Guaibim (distrito da cidade) em 17 de agosto de 1942 e os sobreviventes serem levados para a sede do município para receberem cuidados médicos.

O episódio faz com que provavelmente ocorra uma alteração na vivência da população valenciana. Esta por ser afetada pelo envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, modifica todo o cotidiano e as relações socioeconômicas. Exemplos disso são os produtos básicos que vão ficando cada vez mais caros e a atividade pesqueira – uma das principais atividades desenvolvidas pelos habitantes – que se torna cada vez mais complexa de ser realizada. A incógnita que interessa aqui é quais foram as ações populares ocorridas na cidade neste período?

Assim o objetivo geral deste trabalho é compreender o cotidiano de Valença após o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, identificando as modificações na rotina da população e as expressões públicas entre os anos de 1942 e 1945. Ademais analisar o contexto sociopolítico da Bahia durante a Segunda Guerra, das manifestações populares e as alterações que esses torpedeamentos provocaram na vivência da população de Valença-BA.

Primordialmente são utilizadas as memórias de nove depoentes, valencianos ou pessoas da região, com idades entre 80 anos e 92 anos. Registrar essas memórias e a historicizar é extremamente importante por dar a oportunidade de determinadas pessoas ou grupos sociais de revelar seus pontos de vistas e experiências sobre determinado fato ou período da História. Principalmente para aqueles que ao longo do tempo sempre ficaram a margem da narrativa da “história oficial”. “O desafio da história oral relaciona-se [...] com essa finalidade social essencial da história. [...] razão por que ela tem excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tantos outros. [...] temer a história oral como tal não tem fundamento.”³ Não há maneira de assegurar que todas as informações fornecidas pelos depoentes são verídicas, todavia a autenticidade dos depoentes não foi fator negativo na escolha da história oral, mesmo com sua subjetividade e imprecisões mostrou-se menos preocupante do que as exclusões presentes na história e fontes “oficiais.”⁴

As fontes orais dialogam com os jornais encontrados que circulavam em Valença-BA (O Município e Valença Oficial), Santo Antônio de Jesus-BA e Salvador-

³ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 21-22.

⁴ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 37.

BA (O Paládio, O Imparcial, Estado da Bahia e Diário da Bahia) e do Brasil (O Jornal, A Noite e Diário de Pernambuco). A imprensa nesse período era a grande responsável pela propagação das notícias relacionadas com o estado de guerra nacional, principalmente para a população valenciana. “A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das idéias que circulam na época.”⁵ Por isso ao analisar os jornais pode-se perceber a movimentação social local ligada a guerra, economia, lazer e outros aspectos da vida cotidiana.

Outras fontes ainda foram utilizadas para fazer uma análise mais ampla do cotidiano baiano e valenciano, como: decretos-lei do Governo Federal; revistas (Revista Única, Revista Brasileira Marítima e o Cruzeiro); boletins da Cooperativa Central dos Cacaucultores da Bahia; fotos, cartas e telegramas do arquivo de Getúlio Vargas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) pertencente a Fundação Getúlio Vargas (FGV), Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); letras de músicas; o livro “Agressão” feito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e arquivos pessoais dos depoentes.

Grande parte dessas fontes foram localizadas em acervos digitais publicados na internet, na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Associação Baiana de Imprensa, Biblioteca Central do Estado da Bahia, Memorial da Câmara de Vereadores de Valença e no Arquivo Público Municipal de Santo Antônio de Jesus-BA.

A Guerra é amplamente analisada e discutida através de uma perspectiva europeia e estadunidense. As tropas das grandes potências, táticas, batalhas e operações, como: a *Blitzkrieg*, invasão da Normandia, Operação Barbarossa, ataque a base de *Pearl Harbor*, entre outras, foram descritas e representadas em livros e produções cinematográficas de Hollywood. Assim houve a popularização do tema a partir desse viés, todavia ainda são poucas as produções históricas sobre a participação brasileira no conflito e suas consequências no cotidiano da população. E quando a tocante são os municípios litorâneos do Nordeste durante esse período a ausência torna-se maior.

Diante disso, o trabalho se faz pertinente, pois foca em um episódio ocorrido em Valença e ainda pouco explorado. Poucas pesquisas aproximam-se desta temática, algumas citam a cidade e seu envolvimento, refletem sobre algumas

⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 34.

circunstâncias, mas nunca o foco foi direcionado unicamente para a cidade. Assim são diversas as lacunas que esta análise deverá concentrar-se e são explícitas as amplas contribuições que serão feitas para o tema e a história da região.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro será apresentado um panorama geral sobre a relação da Bahia com a Segunda Guerra Mundial e principalmente a cidade de Salvador, por ser capital do estado e epicentro da agitação social em razão dos torpedeamentos ocorridos. A crise política na interventoria de Landolfo Alves e ascensão do então comandante da VI Região Militar (RM) Pinto Aleixo, a mobilização estudantil e da população no geral, e ainda o Carnaval neste período são tópicos abordados por terem relação direta com o envolvimento baiano e nacional com a guerra.

No segundo capítulo o enfoque passa a ser centrado em Valença e a situação da cidade depois do afundamento do Itagiba e Arará. Este motivou a realização de diversos protestos e comícios ocorridos durante os anos de 1942 e 1945. Deste modo primeiramente a população protestou contra o ato, considerado uma afronta a soberania nacional, depois sobre a manutenção do estado de guerra e a vitória brasileira e dos aliados em maio de 1945.

No último capítulo são expostas as implicações da guerra no cotidiano da população valenciana e a construção do front interno ordenado pelas diretrizes do governo do Estado Novo de Getúlio Vargas. Práticas então desconhecidas, como: *blackout* e aumentos vertiginosos de preços tornaram-se elementos recorrentes e evidentemente tiveram um impacto grande em todo o município de Valença.

2 A BAHIA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O golpe de 10 de novembro de 1937, assinala o surgimento de uma nova etapa na história brasileira. Para Vargas esta decisão era uma continuidade do processo iniciado desde o golpe em 1930, porém o Estado Novo foi fruto das especificidades ocorridas dentro dos mais de sete anos em que houve ruptura do estado democrático. Algumas práticas contribuíram para que a conjuntura facilitasse a eclosão de um novo processo político: a reestruturação da máquina estatal, fortalecimento e aparelhamento das Forças Armadas, comunicação maior com a camada urbana – que em outrora se sentia desassistida em razão da sobreposição de seus interesses e intervenção na economia. Na manhã do dia 10, o Congresso Nacional foi cercado por militares, durante a noite no Palácio Guanabara, Getúlio Vargas discursa e justifica sua atitude, a fala foi transmitida pelo programa estatal de rádio:

Para reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país e garantir as medidas apontadas, não se oferecia outra alternativa além da que foi tomada, instaurando-se um regime forte, de paz, de justiça e de trabalho. Quando os meios de governo não correspondem mais às condições de existência de um povo, não há outra solução senão mudá-los, estabelecendo outros moldes de ação.

[...]

Restauraremos a Nação na sua autoridade e liberdade de ação: — na sua autoridade, dando-lhe os instrumentos de poder real e efetivo com que possa sobrepor-se às influências desagregadoras, internas ou externas; na sua liberdade, abrindo o plenário do julgamento nacional sobre os meios e os fins do Governo e deixando-a construir livremente a sua história e o seu destino.⁶

Ainda no mesmo dia foi outorgada uma nova Constituição elaborada pelo jurista Francisco Campos, ministro da Justiça do novo governo. Deveras centralizadora, concedia ao presidente a garantia de expedir decretos-leis, invasão de domicílios, proibição de greves e *lock-out*⁷, e nomeação de interventores nos estados.

Antes do golpe acontecer Juracy Magalhães era o interventor da Bahia, o cearense integrante do Movimento Tenentista ascendeu ao governo em 19 de setembro de 1931. Contrário ao estado ditatorial Magalhães deixou o cargo um dia após a instauração. “[...] estava virtualmente deposto quando ocorreu o golpe [...]. Permitiram-lhe ‘renunciar’ ao governo e receber manifestações de solidariedade dos populares [...]”⁸ Em uma troca rápida e previamente ponderada pelo presidente, quem

⁶ VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil**: o Estado Novo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. (Volume 5)

⁷ Quando o empregador recusasse a deixar os empregados terem acesso ao seu ambiente de trabalho ou instrumentos utilizados para laborar, parcialmente ou totalmente. Posteriormente, em 1943, é proibida ser realizada sem uma autorização anterior pelo Tribunal competente pelo artigo 722 da Consolidação das Leis do Trabalho.

⁸ TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia**. 11. ed. São Paulo: UNESP, 2008, p. 413.

assume a interventoria é o comandante da VI Região Militar (RM)⁹, sediada em Salvador, o Coronel Antônio Fernandes Dantas. Um dos episódios mais marcantes deste período foi a destruição no pátio da Escola de Aprendizes de Marinheiro de mais de 1600 exemplares de livros “simpatizantes ao credo comunista”. Segundo a nota divulgada na imprensa soteropolitana grande parte era composta por livros do jovem Jorge Amado, como: Capitães de Areia, Cacau, Jubiabá e outros.

‘Aos dezenove dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e trinta e sete, [...] foram incinerados, por determinação verbal do sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, commandante da Sexta Região Militar, os livros apprehendidos e julgados como sympathisantes do credo comunista [...]’¹⁰

A gerência do Cel. Dantas tinha um caráter interino, assim permaneceu até março de 1938, a partir disso quem assumiu o cargo foi Landulfo Alves de Almeida. Landulfo Alves nasceu em Santo Antônio de Jesus em 1893, era agrônomo formado pela Escola Agrícola da Bahia e especializado em Zootecnia nos EUA. Estava ocupando o cargo de diretor do Departamento de Indústria Animal, órgão do Ministério da Agricultura, quando Vargas o nomeou interventor da Bahia.¹¹

A escolha foi singular visto que era um civil e baiano – os três últimos interventores eram militares e de outros estados: Raimundo Rodrigues Barbosa, Pará; Juracy Magalhães, Ceará e Antônio Fernandes Dantas, Rio Grande do Norte.

Este ainda não estava atrelado aos tradicionais partidos políticos o que se configurou um motivo relevante para ser escolhido: “[...] técnico desligado da política e dos políticos tradicionais da Bahia.”¹² Franklin Lins de Albuquerque, chefe político de Pilão Arcado em carta a Geraldo Rocha, engenheiro, jornalista e agitador político fala sobre a boa aceitação dos baianos com a nomeação de Landulfo:

Penso com os melhores fundamentos haver chegado a hora da Bahia. Com o novo interventor, baiano, cheio de ideias, moço, culto e com a visão real das coisas, a nossa terra há de fatalmente subir, chegando a seus altos destinos.

[...] não tenho duvida de que temos a nossa sorte mudada, tomando a Bahia seguros impulsos para cima.

[...]

Não obstante a dedicação do Cel. Dantas á Bahia, os seus esforços em prol do nosso povo, trabalhando incansavelmente pelo bem publico [...], a noticia da nomeação do Dr. Landulpho foi recebida com entusiasmo, por tratar-se

⁹ A VI RM, neste período, sempre deteve grande prestígio e poder nas decisões políticas e sociais na Bahia. Isto se torna evidente com as ascensões a interventoria do Coronel Dantas, do Coronel Pinto Aleixo e as próprias interferências de ambos em decisões referentes a assuntos de ordem sociopolítica.

¹⁰ HOGRAEFE, Renata Paltrinieri. **Capitães da Areia, um estudo comparado entre os Amados - literatura e cinema em diálogo**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, USP, São Paulo, p. 50.

¹¹ TAVARES, op. cit. p. 425.

¹² Ibidem

de um baiano na altura do cargo [...].¹³

Foto 1 – Interventor Landulfo Alves em 1942



Fonte: Arquivo Nacional, Fundo Correio da Manhã.

A interventoria foi marcada a esforços maiores para a Educação, Agricultura e Economia. Em carta para Getúlio Vargas depois de assumir o governo comenta acerca da situação financeira e administrativa que em sua concepção necessitava de reformas:

A situação aqui é boa no que respeita a ação de governo, aplaudidas as medidas pela opinião pública que, cada dia, se vae aproximando do novo governo em manifestações claras de confiança.

A situação do Estado, não só no dominio economico e financeiro, como na sua engrenagem administrativa, é de molde a inspirar ação muito energica, embora serena. Há grandes revelações de desordem administrativa, começando pelo emprego desorientado do dinheiro publico, com despesas não controladas e a ultrapassarem de muito os recursos pecuniários ou as possibilidades financeiras do Estado [...].¹⁴

Durante o tempo que esteve no poder fomentou a produção do algodão, da mamona e do sisal, instalou em Feira de Santana um aviário moderno, introduziu a mecanização da lavoura. Construiu mais de 800km de rodovias, criando ligações para escoamento de produções importantes entre os municípios e outros estados, como os 60km da rodovia Bahia-Goiás inaugurada em 1941.¹⁵

No campo educacional terminou a construção do Instituto Normal da Bahia,

¹³ Carta de Franklin Lins de Albuquerque a Geraldo Rocha comentando a receptividade dos baianos à nomeação de Landulfo Alves para interventor da Bahia. (Vol. XXIX/37a) Arquivo: Getúlio Vargas, série c, 25/03/1938. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

¹⁴ Carta de Landulfo Alves de Almeida a Getúlio Vargas informando a situação econômica e financeira que encontrou na Bahia e expondo as razões de seu rompimento com Geraldo Rocha. Salvador (Vol. XXIX/64). Arquivo: Getúlio Vargas, série c, 28/04/1938. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

¹⁵ **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, Recife, 16 de março de 1941, p. 8.

reformou o ensino normal baiano dividindo-o entre secundário e pedagógico, e criou a Escola de Agronomia em Cruz das Almas. A escolha se deu pela cidade ser uma grande produtora rural, especialmente o fumo. Em seu projeto, esta escola deveria promover a pesquisa, aliando a prática agrícola e pecuária.

Landulfo Alves buscou construir alianças ao longo de seu governo com os prefeitos nomeados. Em Salvador com Neves da Rocha fez obras de infraestrutura: alargou a rua Carlos Gomes, Praça da Sé e as ladeiras de Água Brusca e Mauá, e ainda aprimorou o Hidroporto de Tainheiros¹⁶, na Ribeira.¹⁷ Era aliado também de Admar Braga Guimarães, prefeito do município de Valença, como mostra a troca de telegramas ocorrida quando a interventoria completou um ano: “[...] é-me grato exprimir-lhe a confiança com que a população valenciana, [...] aplaude a grande obra de desenvolvimento economico, cultural e civico de nosso Estado, que seu patriótico Governo está realizando sob a égide do Estado Novo.”¹⁸ Alves então agradece a felicitação e afirma que continuará fazendo um governo eficiente: “[...] O carater impessoal que sempre desejei imprimir a ação governamental justifica a confiança, que tenho, de que continuarei a contar com sua valiosa colaboração.”¹⁹

Admar ainda viajou para Salvador convidado pelo interventor em 1939, afim de conseguir a realização da obra da rodovia Valença-Jaguaripe²⁰, aspiração antiga dos moradores e comerciantes que desejavam um sistema de transporte mais rápido para chegarem na capital do estado.²¹

2.1 A GUERRA SE APROXIMA

De acordo com Consuelo Sampaio no momento em que a Segunda Guerra foi declarada em 1939, as mobilizações e interesse pelo conflito eram pequenas na Bahia.²² Embora as informações e notícias chegassem por meio das estações de rádio e dos jornais diários comercializados na capital e em algumas cidades do interior, a autora atribui a falta de entusiasmo aos notáveis índices de analfabetismo na Bahia.

¹⁶ Foi por muito tempo utilizado como principal local de decolagem e pouso de aviões em Salvador, foi por ele que em 1939, o presidente Getúlio desembarcou para visitar o Lobato.

¹⁷ **CARTILHA Histórica da Bahia: a República e seus governadores.** 3. ed. Salvador: Editora Continente, 1981.

¹⁸ **O MUNICIPIO**, Valença, 15 de abril de 1939, p. 4.

¹⁹ *Ibidem*

²⁰ **O MUNICIPIO**, Valença, 18 de fevereiro de 1939, p. 1.

²¹ Todavia a rodovia só foi construída em 1963, já no governo de Antônio Lomanto Júnior.

²² SAMPAIO, Consuelo Novais. **A Bahia na Segunda Guerra Mundial.** 2011. Disponível em: <academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2011/09/16/a-bahia-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 25 de novembro de 2020, p. 1.

Segundo dados do Censo Demográfico Regional de 1940²³, o analfabetismo chegava a aproximadamente 64% da população baiana e em cidades como Feira de Santana e Valença 66% e 64%, respectivamente. Todavia paulatinamente com o desenvolvimento do confronto, os baianos passam a colocar o assunto como pauta das conversas do espaço público e privado, sobretudo pela intensificação das reportagens na imprensa da Bahia.

Alguns fatores em especial fizeram com que a população baiana se interessasse mais pelo conflito bélico: o afundamento dos navios brasileiros no Atlântico por submarinos alemães e italianos, a pressão norte-americana para que o Brasil declarasse estado de guerra ao Eixo e por fim a criação de uma base dos EUA em Salvador.²⁴

Em 1941, a população estadunidense reprovava a entrada do país na Segunda Guerra. Acreditavam que pela distância dos principais campos de batalha e pela própria falta de motivos admissíveis ingressarem no embate era algo totalmente fora de cogitação.

‘O Trade-Magazine’, de Nova York, publicou, ha pouco, o resultado de um inquerito recente, realizado entre 1878 diários norte-americanos. Assim, a 1065 gazetas estadunidenses fez-se a seguinte pergunta: “Apoia você u’a mediata participação militar e naval na guerra européa”? Cerca de 815 jornais responderam contra semelhante participação. Apenas 250 á favor. Estes dados colhidos [...] confirmam, plenamente, os anteriores, conseguidos entre o povo da grande republica: 80 % deles são contra a entrada do seu país na conflagração européa.²⁵

Essa pesquisa mostra que apenas uma causa muito grande motivaria a entrada dos EUA. E assim ocorreu na manhã de 7 de dezembro de 1941, a base naval norte-americana de *Pearl Harbor* no Havaí é atacada pelo Japão, enquanto um embaixador japonês em Washington entregava a declaração de guerra ao governo. “O plano de ataque a Pearl Harbor datava de mais de um ano, e a idéia de uma guerra contra os Estados Unidos, de mais de 20 anos. Em Washington se previa, no pior dos casos, um ataque japonês às Filipinas [...]”²⁶. Os EUA e a Inglaterra declararam guerra ao Japão no dia 8 de dezembro e a Itália e Alemanha dia 11 pelos EUA. Com os EUA

²³ BRASIL. IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil 1940**: Censo Demográfico – Série Regional, Parte XII, Tomo I. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950, p.1; 204; 340-341; 396.

²⁴ SILVA, Marina Helena Chaves. **Vivendo com o outro**: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial. Tese de Doutorado em História. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2007.

²⁵ SILVA, Alberto. A repulsa Anti-Comunista. **Revista Unica**, Salvador, ano XIII, n. 5 e 6, s/p, nov. e dez. 1941.

²⁶ FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**: século XX São Paulo: Ática, 1995, p. 85.

participando da Guerra, a busca de apoio de outros países americanos a seu favor foi uma atitude rapidamente tomada, para isso foi marcado para o dia 15 de janeiro de 1942, no Rio de Janeiro a realização da III Conferência dos Chanceleres.

“[...] Roosevelt é [...] o presidente americano mais preocupado com a imagem dos [...] na América Latina. [...] A partir de janeiro de 1939, os Estados Unidos se preocupam mais com a América Latina, pois teme a conflagração européia.”²⁷ A Conferência inseria-se em um contexto de busca de países parceiros pelos EUA. O Brasil já possuía uma estreita ligação com esta, na perspectiva econômica era um grande parceiro comercial e ainda fornecedores de capitais, visto que a Europa passa por um declínio econômico decorrente do estado de guerra. O Brasil era um gigante continental com um grande potencial de desenvolvimento, além do mais possuía um território extremamente estratégico no Nordeste brasileiro e sua posição próxima ao Atlântico que facilitaria o envio de suprimentos para os campos de batalha europeus. Assim não seria estranho imaginar que Franklin Delano Roosevelt buscaria no Brasil acordos de mútua cooperação. Ter o apoio do Brasil significaria ter vantagens e provavelmente a ajuda de outros países latinos.

Ninguém faz outra pergunta senão essa. A possibilidade do Brasil declarar guerra aos países do <eixo> aumenta dia a dia.

[...]

O Brasil está entregue às mãos seguras do presidente Vargas e este não nos colocará em posição de perigo. [...] Seremos inimigos do totalitário e empunharemos armas ao primeiro movimento de ataque. A suprema necessidade do país é lutar pela democracia e garantir no continente a manutenção desse regime. A responsabilidade o Brasil é muito seria.²⁸

Obedecendo os Decreto-Lei nº 1561, nº 4623 e 4624, de setembro de 1939, que aprovavam a neutralidade brasileira, até o final de 1941, o Brasil continuava em um aspecto de imparcialidade, mesmo que todo o panorama levasse ao alinhamento com os EUA.

Em uma correspondência emitida por Vasco Leitão da Cunha, integrante da pasta de Justiça e Negócios Interiores, endereçada a Francisco Campos em 8 de dezembro de 1941, relata que naquele dia ocorreu uma reunião de Vargas com o ministério afim de traçar estratégias diante a conjuntura internacional:

Propôs manifestar a solidariedade do Brasil aos Estados Unidos da América em face da agressão do Japão, no que foi apoiado pela unanimidade dos presentes.

Salientou Sua Excelência que esta solidariedade não implicava a entrada do Brasil em guerra, mas simplesmente honrar os compromissos assumidos e a

²⁷ CARONE, Edgar. **O estado novo**: 1937-1945. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988, p. 274-275.

²⁸ **O PALADIO**, Santo Antônio de Jesus, 16 jan. 1942, p. 1.

nossa tradicional amizade para com aquele país e pugnar pelos verdadeiros interesses do Brasil.

Ficariamos, assim, em estado de não beligerancia, favorecendo por todos os meios e modos os Estados Unidos da América, sem tomar, no entanto, parte militar no conflito.

Cogitou-se da possibilidade de como consequência, romper o Japão suas relações diplomáticas com o Brasil, mas não se cogitou de tomarmos nós esta iniciativa.²⁹

Para decretar de vez o apoio, ocorreu a II Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas. “O Rio de Janeiro se mobilizara como em poucas ocasiões para homenagear as delegações [...] presentes. O interesse era tanto que até alto-falantes foram instalados na entrada do palácio para que o público pudesse ouvir os discursos.”³⁰ Em 28 de Janeiro, no encerramento, a maioria dos países rompeu relações diplomáticas com o Eixo. “A coesão dos diplomatas e ministros, como chave para a abertura de uma especie de associação em que todos estão com o animo deliberado de agir, lutar e vencer, foi a parte [...] memoravel da reunião para a qual escolheu-se a [...] capital do Brasil.”³¹

Foto 2 – Oswaldo Aranha na Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro



Fonte: CPDOC/FGV

O ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, encerrou o evento discursando:

A neutralidade do Brasil sempre foi exemplar, mas nossa solidariedade com a América é histórica e tradicional. As decisões da América sempre obrigaram o Brasil e mais, ainda, as agressões à América.

[...]

Cumprimos nosso dever, organizando em ação a vontade de nossos povos.

²⁹ Carta de Vasco Leitão da Cunha para o ao ministro da Justiça Francisco Campos sobre o rompimento das relações do Brasil com o Eixo, 1941. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC VLCs 1941.03.25)

³⁰ SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**: A História do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 23.

³¹ **O PALADIO**, 30 de janeiro de 1942, p. 1.

Cumprimos nosso dever como americanos, nesta hora solene para a ordem dos povos e resolvemos muito mais: assumir as responsabilidades que nos cabem nos destinos universais.³²

A partir deste o momento o Brasil passa por transformações sociopolíticas e até mesmo econômicas, agora a guerra é uma realidade muito mais próxima e irá fazer parte do cotidiano da população. A primeira grande manifestação popular no Brasil contra o Eixo foi justamente na Bahia, em Salvador:

No dia 2 de fevereiro, cinco dias depois do rompimento, os jornais locais publicaram com bastante destaque a convocação feita por todas as classes sociais para um comício de solidariedade ao presidente Vargas a ser realizado no dia seguinte, às 20 horas, no largo da Sé. Estava assinada por representativas figuras da vida baiana: presidente da Associação Baiana de Imprensa, Ranulfo Oliveira; [...] diretor da Faculdade Livre de Direito, Aloísio de Carvalho Filho; diretor da Faculdade de Medicina, Edgar Santos; [...] presidente do Instituto dos Advogados da Bahia, Albérico Fraga [...]. [...] Anísio Massora (presidente da Companhia de Energia Elétrica da Bahia [...]); Arlindo Luz (Cia. Das Docas da Bahia) [...].³³

A manifestação do dia 3 de fevereiro em Salvador aconteceu no Largo da Sé com a concentração de milhares de pessoas. O comício iniciou-se por volta das 21 horas com discursos de oradores, depois disso ocorreu uma passeata, puxada por duas bandas, uma da Polícia Militar e outra do 19º Batalhão de Caçadores, contendo na frente um carro com um enorme retrato de Getúlio Vargas, escoltado pela Força Policial. Quando chegaram ao Palácio da Aclamação, o número de participantes chegava a 30 mil. Da sacada, Landulfo Alves; o coronel Pinto Aleixo, comandante da VI RM na época; Neves da Rocha, prefeito de Salvador, além de outras autoridades assistiram a manifestação. No final, o interventor afirmou que iria transmitir as mensagens de apoio ao presidente Vargas.³⁴ Posteriormente as manifestações e ações populares relacionadas ao envolvimento e manutenção da guerra serão recorrentes em algumas cidades da Bahia, principalmente em Valença e Salvador.

A entrada do Brasil na guerra parecia cada vez mais próxima, a influência que os Estados Unidos lançavam sobre o país para que este participasse do conflito e ainda a opinião popular diante dos torpedeamentos, fazem com que o presidente Vargas comece articular-se lentamente para caso a situação atingisse um clímax a sentença de participação não seria uma surpresa para todos.

Algumas medidas efetivas são adotadas contra o Eixo, como: fechamento de alguns jornais, agências telegráficas e instituições ligadas a estas nações; em

³² **O JORNAL**, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1942, p. 1-2.

³³ FALCÃO, João. **O Brasil e a 2ª. Guerra**: testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília: UNB, 1999, p. 79-80.

³⁴ *Ibidem*

Fernando de Noronha é criado um destacamento misto para guarnição do arquipélago na jurisdição da VII RM (decreto-lei nº 4014-A de 13 de janeiro de 1942); proibida a correspondência diplomática cifrada dos países do eixistas aos seus agentes no Brasil e controlado a movimentação dos fundos dos mesmos.³⁵

Na Bahia, Vargas atribuiu ao General Estêvão Leitão de Carvalho, inspetor da VI e VII RM, para elevar o espírito dos povos nordestinos, que em sua concepção necessitava ser estimulado.

[...] o General falou em Salvador. Enalteceu a disposição dos baianos nas lutas em defesa da pátria e lembrou-lhes o episódio da expulsão dos holandeses. Recebeu estrondosa salva de palmas, ao afirmar: 'se os inimigos vierem, serão rechaçados à bala'.³⁶

A Rádio Sociedade da Bahia³⁷ passou a tocar na sua programação músicas inglesas com temáticas referentes a guerra e ainda criou "A Marcha para a Vitória", programa que contava histórias sobre o exército britânico e a Royal Air Force (RAF).³⁸ No dia 14 de abril de 1942, ocorreu em Salvador o Dia Pan-americano, com uma solenidade no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ornamentado com flores e bandeiras das nações americanas, Landulfo Alves, os cônsules dos EUA e da Argentina, os secretários de Estado e outras personalidades influentes. Após discursos, colocaram lado a lado quadros com imagens de Getúlio Vargas e Roosevelt, depois estudantes desfilaram pelas ruas com faixas de protesto, algumas com os dizeres: "Ser integralista é ser traidor"; "O fascismo é contra Deus, contra a pátria, contra a família". E ainda um grande cartaz com a caricatura de Adolf Hitler contendo como legenda "O monstro".³⁹

2.2 AFUNDAMENTOS E A REAÇÃO DA POPULAÇÃO

Desde março de 1941, ataques a embarcações brasileiras já haviam acontecendo mesmo antes do Brasil declarar estado de beligerância contra o Eixo. Antes os afundamentos eram em territórios distantes do Brasil e com um número de feridos e mortos menor.

Tabela 1 – Embarcações brasileiras atacadas pelo Eixo entre 1941 e março de 1942

Navio	Data	Local	Agressor	Salvos	Mortos
-------	------	-------	----------	--------	--------

³⁵ FALCÃO, op. cit., p. 77.

³⁶ SAMPAIO, op. cit., p. 2.

³⁷ Primeira rádio baiana, na década de 40 fazia parte do conglomerado de mídia do Diário dos Associados de Assis Chateaubriand.

³⁸ SAMPAIO, loc. cit.

³⁹ Ibidem, p. 3.

Taubaté	22/03/1941	Mar Mediterrâneo	Avião da <i>Luftwaffe</i>	12	1
Buarque	15/02/1942	Costa da Carolina do Norte (EUA)	U-432	84	1
Olinda	18/02/1942	Costa da Virgínia (EUA)	U-432	46	0
Cabedelo	25/02/1942	Desapareceu em algum ponto no Mar das Antilhas	Desconhecido ⁴⁰	0	54
Arabutã	7/03/1942	Costa da Carolina do Norte (EUA)	U-155	50	1
Cairu	8/03/1942	130 milhas de New York	U-94	36	53

Fonte: SANDER (2007) e REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (1997, p. 266-268)

Porém com a aproximação do Brasil com os EUA e o rompimento das relações diplomáticas com o Eixo, embarcações brasileiras vão ser mais atacadas, todavia com dois agravantes maiores: os torpedeamentos ao contrário de antes ocorreram no litoral brasileiro e deixando um grande número de mortos.

A indignação popular atinge seu auge depois do afundamento de cinco navios brasileiros, nos grandes centros nacionais a reação foi de espanto e indignação. Os navios *Baependi* e o *Araraquara* foram torpedeados em 15 de agosto de 1942; o *Aníbal Benévolo* em 16; e o Itagiba e Arará em 17. A população baiana que já estava alerta com o andamento da guerra, atenta-se para os jornais que traziam notícias sobre os acidentes, o Estado da Bahia, Diário da Bahia, o Imparcial, periódicos soteropolitanos trouxeram uma cobertura ampla para informar o povo.

Em meio a grande comoção nacional, a Bahia contribue com uma grande soma de possíveis sacrificados ao criminoso golpe eixista. Nos navios cheios de passageiros que o torpedo assassino atingiu, muitos tripulantes e pacíficos passageiros são bahianos. Daqui saíram sexta e sábado sem pensar sequer que pouco adiante nas águas da Bahia, a traição os esperava e que não se dirigia para qualquer zona bloqueada, foram vítimas da sanha nazista. [...]

A cidade, desde as primeiras horas da tarde, encheu-se de notícias a respeito dos afundamentos [...]. A' noite [...] os ânimos exaltaram-se e grupos começaram a se formar, até constituírem verdadeira multidão.⁴¹

Foto 3 – Movimentação no bairro do Comércio após os torpedeamentos

⁴⁰ O agressor do navio até hoje é motivo de discussão e controvérsias, alguns creditam o ataque ao submarino italiano *Leonardo da Vinci*, outros ao também italiano *Torelli*.

⁴¹ ESTADO DA BAHIA, Salvador, 18 de Agosto de 1942 (1ª edição), p. 3.



Fonte: Jornal Estado da Bahia, Salvador, 18 de agosto de 1942 (2ª edição), p. 1.

Segundo João Falcão, militante comunista de Salvador e fundador da Revista Seiva⁴², Salvador teve uma onda de ódio motivada pelos torpedeamentos. Aconteceram passeatas e comícios, todos eles com oradores pronunciando discursos inflamados querendo a declaração de guerra contra o Eixo e vingança pelos atentados.⁴³ A massa passou a saquear e depredar estabelecimentos de estrangeiros que estivessem por perto. E o ódio não se limitava a apenas cidadãos descendentes dos países do Eixo – que em 1940 chegavam a 439 alemães e 421 italianos em Salvador – mas até mesmo espanhóis que eram o maior número de estrangeiros com 1922 pessoas.⁴⁴ Na praça municipal e na Castro Alves, as pastelarias *Triunfo* e *Luso-brasileira* foram invadidas. Lojas da *Westphalen, Back, Krohn & Cia.* (firma alemã de ferragens), da *Dannemann & Cia.* e da *Suerdieck & Cia* (fabricante de charutos) também foram atingidas, além de empreendimentos de italianos e espanhóis, que geralmente eram bares ou restaurantes. Nem os cinemas *Pax* na Baixa de Sapateiros e o *Excelsior* na Praça da Sé escaparam da fúria dos manifestantes.⁴⁵

Landolfo Alves apareceu na sacada do Palácio e discursou para os presentes manifestando solidariedade as vítimas dos naufrágios e pediu compreensão e calma a multidão. Posteriormente se reuniu com uma comissão composta de estudante e intelectuais e se comprometeu a adotar medidas contra alemães e italianos que fossem a favor do Eixo. Embora na realidade as futuras medidas adotadas pelo governo não foram apenas direcionadas aos simpatizantes do nazifascismo, mas sim

⁴² Revista baiana antifascista criada em 1938, por pessoas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro.

⁴³ FALCÃO, op. cit., 103.

⁴⁴ BRASIL. IBGE, op. cit., p. 420-421.

⁴⁵ **ESTADO DA BAHIA**, Salvador, 18 de agosto de 1942 (2ª edição), p.1.

a alemães e italianos no geral.

No dia 18, em São Félix, cidade onde muitos alemães possuíam negócios ligados ao fumo, a revolta popular foi grande. Invadiram o Clube Alemão e o depredaram completamente, nas fábricas as vidraças foram atingidas. Em Ilhéus, o comércio foi fechado e as casas exportadoras e instituições públicas hastearam a bandeira nacional em “meia verga” com sinal de protesto. Ainda foram depredadas as placas das casas italianas *Ruy Secco* e *Braz Bartilotti* e o italiano *Ermo Sanzini* que trabalhava no setor de Obras e Jardins foi demitido.⁴⁶

Os movimentos sociais são reações de protesto contra determinadas posições, ideologias e atitudes que a população toma como injusta.⁴⁷ De acordo com Lakatos e Marconi estes ainda derivam também das contradições que foram percebidas pelo povo na ordem estabelecida vinculados a certo contexto histórico.⁴⁸ Deste modo ao analisar esses movimentos deve-se compreender as relações sociais implicadas na conjuntura. Para observar os protestos ocorridos é necessário atentar-se para as motivações e personagens incluídos no processo.⁴⁹ No século XX, a Bahia não foi atingida por nenhum grande conflito bélico em seu território que ameaçasse a população baiana e soteropolitana, a exceção foi justamente a Segunda Guerra Mundial. Por isso os baianos comoveram-se com os torpedeamentos, especialmente os dois últimos, pois ocorreram a cerca de 30 minutos do sul de Salvador.

A euforia e movimentação na Bahia motivaram criações de organizações civis que buscavam apoiar o Brasil na guerra. Em Salvador nos idos de agosto de 1942 surgem: União da Bahia pela Defesa Nacional, Comissão Central Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados, Legião de Médicos pela Vitória, Sociedade dos Amigos da Américas e algumas outras.⁵⁰ Outra associação que detinha destaque era a Caravana dos Estudantes, ainda mesmo antes da deflagração do estado de guerra os secundaristas já procuravam mobilizar e entusiasmar as cidades do interior baiano. Em passagem por Santo Antônio de Jesus, chegaram no dia 4 de agosto de 1942, para realizar comícios em praças públicas da cidade:

A caravana é constituída dos moços – Joel Muniz Ferreira, Manoel Carrera, Nilo Pinto, Djalma Leal, Pedro Dias, Edgard Loural, Dagmar de Assis e Valdir

⁴⁶ **ESTADO DA BAHIA**, Salvador, 18 de agosto de 1942 (2ª edição), p. 3.

⁴⁷ MULLER, Cintia Beatriz. **Teoria dos movimentos sociais**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

⁴⁸ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

⁴⁹ MULLER, op. cit., p. 9

⁵⁰ TAVARES, op. cit. p. 432.

Pires.⁵¹

No dia seguinte foi logo anunciado comício, para as 3 e meia horas da tarde. O tema era e é o mesmo que espósa u'a mocidade viril, energica, inteligente, de vistas voltadas para o futuro e o bem da Patria [...].

[...]

O público, correspondendo á tarefa magnifica que exercendo estão os oradores Estudantes, entregues ao afan elogioso de servirem ao Brasil, não regateou aplausos, de sorte que ao fim de cada discurso havia uma como avalanche de palmas simbolizando a amais franca solidariedade com aquelas ideás enunciadas do alto da tribuna.⁵²

Além da atuação da Caravana, em diversas cidades baianas foram instalados núcleos com propostas semelhantes. Na mesma cidade no dia 6, foi inaugurada a União de Santo Antônio pela Defesa Nacional, ocorrendo novamente um novo comício com grande participação popular. Isso mostra que não apenas na capital do estado o povo estava mobilizado com o clima presente no país, em outras regiões aconteciam atos semelhantes.

2.3 CRISE POLÍTICA NA INTERVENTORIA

Desde 1938, a interventoria de Landulfo Alves enfrentava críticas de ferrenhos opositoristas. Em carta para Getúlio Vargas em 28 de agosto de 1938, Franklin Lins de Albuquerque o denuncia:

Trairia a confiança do meu iminente Chefe se o não puzesse em dias occorencias da situação bahiana. [...] Com a chegada do Snr. Octavio Mangabeira as coisas vão se esclarecendo. Inimigo irreductivel de Vossa Excellencia, requintado em campanha tenaz de destruição contra o Regimem, não obstante, o Snr. Interventor, delegado de Vossa Excellencia, manda o seu ajudante de ordens, Tenente José Fernandes, receber e cumprimentar o Snr. Mangabeira e o seu secretario particular [...]. E o resultado não se fáz esperar: as nomeações de Prefeitos e autoridades policiaes recahidas exatamente nos que fazem opposição á Vossa Excellencia. [...] A impressão é que se está tendo é que governam a Bahia, através do Delegado de Vossa Excellencia, os mais escarnizados inimigos do Estado Novo.⁵³

Com o clima de revolta e guerra a crise política foi fortalecida pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em agosto de 1942, o professor da escola de Odontologia, Arnaldo Silveira, discursou da sacada do jornal O Imparcial, na rua Rui Barbosa, entre outros assuntos afirmou que Landulfo Alves no Palácio da Aclamação

⁵¹ Dois nomes presentes nesta Caravana tornaram-se personalidades influentes na Bahia em anos posteriores. Joel de Souza Muniz Ferreira foi deputado estadual pela União Democrática Nacional (UDN), além de ter sido presidente do Tribunal de Contas do Estado na década de 70. Waldir Pires teve uma longa carreira política iniciada na década de 50, foi governador da Bahia de 87 até 89 e por fim Ministro da Defesa nos anos 2000.

⁵² **O PALADIO**, Santo Antônio de Jesus, 07 de agosto de 1942, p. 2.

⁵³ Carta de Franklin Lins de Albuquerque a Getúlio Vargas denunciando o interventor da Bahia, Landulfo Alves, por sua atuação contrária as orientações do governo federal favorecendo os elementos da oposição. Bahia (Vol. XXX/29). Arquivo Getúlio Vargas, série c, 28/08/1938. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV

brindava com champanhe do lado de sua esposa Elsa Schneider Alves, que tinha origens alemãs, os afundamentos dos navios. A multidão ficou irada, o professor motivou a irem até o Palácio para terem alguma satisfação. Uma comissão foi até o interventor, que afirmou veementemente que as acusações eram totalmente falsas. Foi até a sacada e reiterou o sentimento patriótico, os presentes convenceram-se e voltaram para casa.⁵⁴

Norberto Odebrecht, na época ainda estudante de Engenharia, fala sobre a denominada “questão alemã”:

Grupos da política local, interessados em tomar o poder, começaram a acusar o governador e sua mulher de espionagem. Afirmaram que ela estava passando informações sobre a Bahia, sobre a navegação de cabotagem, através do rádio, para os alemães. Era uma bobagem, uma coisa sem nenhum fundamento, um boato tipicamente político.

[...]

Essa gente fez de tudo para derrubar o Landulpho – e derrubou. E ele caiu, sobretudo, por causa da questão alemã.⁵⁵

No imaginário popular não existia a diferenciação entre os imigrantes e adeptos ao Eixo, todos eram contrários ao Brasil e deveriam ser perseguidos e expulsos. Isso pode ser evidenciado na perseguição e aumento da prisão de pessoas estrangeiras ou descendentes de países do Eixo. Até mesmo em crônicas de jornais como na “Absolvição” escrita por Jorge Amado e veiculada no jornal O Imparcial em 1943. “Tratamos sempre os italianos como irmãos nossos. [...] Por que os brasileiros mortos estão pedindo vingança e o ódio está dentro de cada coração patriota.”⁵⁶

Logo imaginar que a esposa do interventor federal, cargo máximo na política baiana e indicado pelo “grande líder” Getúlio Vargas, era descendente de alemães fez com que o povo imaginasse que Landulfo Alves e ela não estivessem empenhados com a guerra no Brasil, mas sim prejudicando.

A discussão sobre a “questão alemã” fez com que a Faculdade de Medicina fosse fechada temporariamente, a prisão de Arnaldo Silveira, do jornalista do O Imparcial Wilson Lins e de outros manifestantes, qualificados como baderneiros e indiciados por “incitar a mocidade” e “atacar o governo do Estado”.⁵⁷

Seus adversários políticos, que iam crescendo com o passar dos anos, aproveitaram o boato para tentarem desestabilizar o governo de Alves e o derrubar.

⁵⁴ FALCÃO, op. cit., p. 104-105.

⁵⁵ RISÉRIO, Antônio. **Adorável Comunista**: História política, charme e confidências de Fernando Sant’Anna. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2002, p. 175.

⁵⁶ AMADO, Jorge. **Hora da Guerra**: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 81-82.

⁵⁷ SILVA, Maria Helena Chaves, op. cit., p. 166.

Para Sampaio, Arnaldo Silveira trabalhava para o comandante da VI RM, o cel. Renato Onofre Pinto Aleixo, que era incentivado por militares a assumir a interventoria.⁵⁸

Em carta dirigida a Vargas, através do Ministro da Guerra, Pinto Aleixo traça um quadro de grande perturbação social e de instabilidade política na Bahia. Destaca a agitação estudantil com a participação dos comunistas, a prisão do professor Arnaldo Silveira e do jornalista Wilson Lins de O Imparcial, e diz ser ‘francamente observável a má vontade de grande parte da população contra o governo’. Entre as causas dessa impopularidade, acentua ‘a preferência quase acintosa com que o governo distingue elementos integralistas, quase todos simpatizantes da causa do Eixo’.⁵⁹

Outro grande adversário de Landulfo Alves era o jornal O Imparcial, de propriedade de Franklin Lins de Albuquerque – o mesmo que enviou uma carta denunciando-o a Vargas. No jornal era feita uma campanha grande acusando o interventor de ser germanófilo e simpatizante ao integralismo⁶⁰, o fato de nomear seu irmão integralista Isaías Alves para um cargo na secretaria de Educação aumentava ainda mais a suspeição.⁶¹

Alguns outros problemas poderiam ser indicados como as causas da crise política: “[...] a presença de integralistas na administração do Estado, [...] ausência de medidas restritivas contra os comunistas [...], principalmente na Faculdade de Medicina da Bahia e os altos impostos cobrados no município de Salvador.”⁶²

Por fim em correspondência datada de 17 de novembro de 1942, Landulfo Alves pede exoneração do cargo de Interventor Federal: “Motivos de ordem pessoal aconselham o meu afastamento do Governo do Estado da Bahia, a cuja frente me colocou Vossa Excelencia, dispensando-me a honra de sua confiança.”⁶³ Ainda agradece a confiança do presidente e se coloca totalmente a disposição em qualquer setor em que o mesmo julgar útil. Respondendo em 20 de novembro de 1942, Vargas afirma que em favor do pedido mediante o argumento de motivação pessoal o exonera do cargo de interventor. “Sinceramente lamento vê-lo afastar-se do posto que soube honrar, realizando no próspero e grande Estado cujo govêrno deixa uma administração criteriosa, esforçada e honesta, cheia de obras e atos dignos de

⁵⁸ SAMPAIO, op. cit., p. 7.

⁵⁹ Ibidem

⁶⁰ Sobre o integralismo, cf. TRINDADE, Hégio. A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016 e FERREIRA, Laís Mônica Reis. Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em o imparcial 1933-1937. Salvador: EDUFBA, 2009.

⁶¹ FERREIRA, Laís Mônica Reis. O integralismo na imprensa da Bahia: o caso de O Imparcial. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p.53-86, 2006, p. 81.

⁶² SILVA, Maria Helena Chaves, op. cit., p. 166.

⁶³ Correspondência de Landulfo Alves pedindo exoneração do cargo de interventor a Getúlio Vargas. (Vol. XXXIX/27). Arquivo Getúlio Vargas, série c, 17/11/1942. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

louvor.”⁶⁴ Assim se encerra os quatros anos do governo de Landulfo Alves, com a exoneração e, conseqüentemente, a ascensão do cel. Pinto Aleixo ao cargo.

Na cerimônia de posse no Rio de Janeiro com a presença de Marcondes Filho, ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, afirmou:

‘Pelas mãos de V. Excia. acabo de ser empossado no governo da tradicional província da Bahia. E’ uma honra excepcional para mim [...]. Procurarei me cercar dos valores provenientes dessas correntes de opinião para formar o meu governo, no proposito de dar à Bahia, uma oportunidade de se constituir em Estado com um só pensamento e uma só vontade. Esse esforço eu farei porque sou brasileiro, porque amo o regime em que vivemos e porque quero principalmente servir ao grande homem que conduz os destinos do Brasil. Estarei [...] indissolúvelmente ligado a todos os bahianos para trabalharmos cada vez mais pelo engrandecimento do Brasil.’⁶⁵

De certa maneira o conflito bélico favoreceu ao estabelecimento de uma crise política na Bahia, porém este não foi o único impacto, até mesmo o âmbito cultural foi alterado.

2.4 “PROIBIR O CARNAVAL, NÃO ME PARECE ACERTADO”

*Haja Carnaval ou não
Eu vou cantar!
Sem um tamborim na mão
Não hei de ficar!*

*Deixemos de ares tristonhos
Devemos buscar distração
No riso, na dança e na graça
Da turma que passa
Puxando o cordão!*

*Alegria, gente!
Cantar pra frente!*⁶⁶

A marcha “Haja Carnaval ou não” feita por Pedro Caetano e Claudionor Cruz e gravada por Francisco Alves⁶⁷ – um dos cantores mais populares da primeira metade do século XX –, no final de 1944, foi feita para o Carnaval de 1945. Na letra percebe-se o convite para a população deixar o clima melancólico motivado pelo estado de guerra e procurar animação nos cordões e blocos. Esquecer por alguns dias os altos

⁶⁴ Correspondência de Getúlio Vargas respondendo ao pedido de exoneração de Landulfo Alves. (Vol. XXXIX/30). Arquivo Getúlio Vargas, série c, 20/11/1942. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

⁶⁵ **O PALADIO**, Santo Antônio de Jesus, 4 dez. 1942, p. 1.

⁶⁶ CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: A mobilização e cotidiano em São Paulo durante a segunda guerra mundial. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 183.

⁶⁷ Estes ainda lançaram um pouco antes, em 1943, um grande sucesso, outra marcha, denominada “Eu Brinco”, nela o eu lírico afirma que com dinheiro ou sem dinheiro – a carestia no período Vargas sempre foi algo marcante –, com pandeiro ou sem ele a alegria e a brincadeira vão acontecer do mesmo jeito: “Com pandeiro ou sem pandeiro/Ê, ê, ê, eu brinco/Com dinheiro ou sem dinheiro/ Ê, ê, ê, eu brinco/ Tudo se acaba na vida/Morena querida/Se o meu dinheiro acabar/Com dinheiro ou sem dinheiro/Meu amor, eu brinco.” **A Noite**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1943, p. 7.

preços, a baixa remuneração e a falta de mantimentos básicos. Para Cytrynowicz os versos finais apontam para um sentido militar, o “pra frente” pode se referir ao *front*, assim para o campo de batalha só deve ir a música e a felicidade. Esta e diversas outras músicas lançadas no período versavam sobre a possibilidade de um cancelamento do Carnaval.⁶⁸

A realização do Carnaval durante o período em que o Brasil esteve envolvido com a Segunda Guerra foi um ponto de discussão entre os diversos setores da sociedade. Desde 1941, quando o Brasil nem havia declarado beligerância contra o Eixo o tema era alvo de polêmicas. Em sua coluna no jornal Diário de Notícias em 1941, o Barão de Itararé assinala sobre o carioca e o Carnaval:

Para o carioca, indiscutivelmente, o Carnaval é muito mais importante do que a guerra. Por isso, anda preocupadíssimo com o preço dos lança-perfumes nas batalhas de flores, mas não quer saber dos ataques de lança-chama nas batalhas que desenrolam no Velho Mundo.⁶⁹

Percebe-se que mesmo em tom anedótico o autor critica a população do Rio de Janeiro por não demonstrar interesse quando o assunto era a guerra, todavia a folia momesca era uma prioridade na vida destes. Getúlio Vargas procurou mais do que nunca tornar o Carnaval como um símbolo nacional, aliando a festividade com a ideia de brasilidade e patriotismo. De acordo com Germano a cultura popular é atrelada a ideia do nacional, do patrimônio do país, logo o Carnaval é parte da identidade brasileira, pura e genuína demonstração da cultura popular.⁷⁰ Por isso cancelar o Carnaval parecia sob a perspectiva de muitos inviável, não seria pertinente cancelar a maior festa da nação, a festa símbolo do país, em um período em que o Brasil não estava em guerra. Assim em 1942, Austregésilo de Athayde em um artigo intitulado “Deixemos que o povo brinque” defendeu a realização: “Por que então iria o povo brasileiro privar-se dos seus folguedos, nos poucos dias que se expande o temperamento [...]? Deixemos que haja o carnaval, que o povo venha às ruas e brinque como sempre o fez.”⁷¹

Mas mesmo assim o Carnaval de 1942, na Bahia foi um pouco diferente. Em Salvador alguns clubes não desfilaram com seus carros alegóricos, porque a

⁶⁸ CYTRINOWICZ, op. cit., p. 183.

⁶⁹ DE ITARARÉ, Barão. **O Carnaval e a Guerra**. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1941, p. 7.

⁷⁰ GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. **Caravelle**: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, Toulouse, nº. 73, 1999, p. 131.

⁷¹ DE ATHAYDE, Austregésilo. Deixemos que o povo brinque. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 11 fev. 1942, p. 1-2.

ornamentação era importada e estes produtos não puderam ser comprados pela condição de guerra existente nos países europeus, assim agremiações, como: os Fantoches, os Inocentes em Progresso e a Cruz Vermelha anunciaram que não iriam desfilar.⁷²

Porém a situação torna-se mais problemática quando o Brasil declara guerra ao Eixo em agosto de 1942. A grande questão agora é se haveria Carnaval em 1943. O jornalista baiano Joel Presídio emitiu sua opinião:

Proibir o Carnaval, não me parece acertado!
Será mesmo desigual, proibir o Carnaval...
Porque não há nenhum mal
Em se viver mascarado...
Proibir o Carnaval, não me parece acertado...
Se é por causa da guerra, aqui meu protesto deixo
Quem pensa assim é que erra
Se é por causa da guerra...
Em chegando à nossa terra, Momo já quebrou o Eixo
Se é por causa da guerra, aqui meu protesto deixo!
Daremos fim ao nazismo "cantando o samba em Berlim!"
Ao cangaço, ao banditismo, um dia não demos fim?
Elogiou-se o inglês
Por, nos "abrigos" dançar, sempre honrado e cortês
Elogiou-se o inglês!...
Quando chega a nossa vez, é que devemos chorar?⁷³

“A realização [...] provocou inúmeros debates na imprensa baiana [...]. A discussão sobre a festa revela uma questão central no aparelho do Estado Novo de reprimir as manifestações populares espontâneas e avessas ao perfilamento.”⁷⁴ O prefeito de Salvador Elísio Lisboa em 1943, advertiu ao povo que deveria brincar e se divertir, porém sempre lembrando do conflito bélico.⁷⁵

O fator mais interessante para Flávia Pedreira é que as autoridades permitiram a festividade, mas procuraram coibir e limitar em todos os sentidos⁷⁶. Houve ainda a proibição de máscaras, lança-perfume, letras contendo críticas ou que ofendessem “a moral”.⁷⁷ O Barão de Itararé novamente em sua coluna no Diário de Notícias fala sobre as condições incomuns da festa:

O carnaval deste ano, porem, será completamente diferente dos outros carnavais, porque será um carnaval sem máscaras, sem lança-perfumes e

⁷² O PALADIO, Santo Antônio de Jesus, 30 de janeiro de 1942, p. 2.

⁷³ SAMPAIO, op. cit., p. 11-12.

⁷⁴ MOUTINHO, Augusto César Machado. **A sombra da guerra**: o medo e a sobrevivência em um povoado baiano durante a Segunda Guerra Mundial. Salvador: Quarteto, 2005, p. 64.

⁷⁵ SAMPAIO, op. cit., loc. cit.

⁷⁶ PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana**: cotidiano de guerra em Natal 1920-1945. 2004. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, p. 153.

⁷⁷ PEDREIRA, Flávia de Sá. Carnaval em Tempos de Guerra. **Projeto História**, São Paulo, n. 28, p. 59-79, jun. 2004, p. 63.

sem bagunça.

[...]

Hitler, há tempos, baixou um decreto, proibindo que os judeus cuspissem no chão, sob pena de prisão perpetua. Aos judeus, entretanto, era concedida a graça de cuspir no lenço.

No dia seguinte, era publicado outro decreto, proibindo expressamente aos judeus, sob pena de fuzilamento, o uso de lenços.

O carnaval é uma festa de mascarados, que jogam lança-perfumes, fazendo algazarra.

Carnavalesco sem máscaras, sem lança-perfumes e sem direito a berrar, como um desesperado, é como judeu, na Alemanha, sem lenço e com vontade de cuspir...⁷⁸

Houve uma descaracterização do Carnaval nas cidades brasileiras. Em Salvador, restou ao povo aceitar as restrições e festejar da maneira que podiam. A carestia dos produtos carnavalescos marcou a festa soteropolitana neste ano. O jornal Imparcial denunciava a alta dos preços comercializados: “Está-se vendendo, abusiva e criminosamente lança-perfume de 200 gramas a \$35,00, confetis a \$3,00 e serpentinas a \$6,00!”⁷⁹

Outro caráter notável na folia momesca de baiana de 1943 foram as marchinhas e músicas carnavalescas com temas voltados ao conflito. “[...] acompanhavam tematicamente a [...] guerra, situação que pode ser entendida também como uma sutil negociação com o Estado Novo, na medida em que o caráter popular [...] do carnaval assumia [...] um sentido patriótico.”⁸⁰ Algumas canções fizeram relativo sucesso na época, como:

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA

(Benedito Lacerda e Deroi Oliveira)

Infelizmente é notícia de última hora
Eu vou-me embora Lili, vou-me embora

[...]

A voz do dever me chama Lili,
E essa é a razão que eu vou partir

[...]

Cantando samba em Berlim

[...]

ELE CHUPAVA UM PIRULITO

(Benedito de Lacerda e Cristovão de Alencar)

Quando acabar o conflito

E não se ouvir

Mais o grito do canhão

Eu quero ver o Hiroito ali

Comendo arroz do palito,

Nas ilhas do Salomão.

⁷⁸ DE ITARARÉ, Barão. **Vamos ter Carnaval!** Diário de Notícias. Rio de Janeiro, p. 5. 2 de março de 1943.

⁷⁹ **O IMPARCIAL**, Salvador, 9 de março de 1943, p. 4.

⁸⁰ MOUTINHO, op. cit., p. 64-65.

O Hiroito sonhou
 Que estava em Havaii
 [...]
 Mas quando acordou deu um grito
 Ele chupava um pirolito (bis)
 Na cratera de um vulcão.

QUE PASSO E' ESSE ADOLFO?
 (Haroldo Lobo e Roberto Roberti)

Que passo é esse Adolfo?
 Que doi a sola do pé
 É o passo do gato não é
 [...]
 Qué, qué, qué, qué.
 [...].

A CARA DO FUHERER
 (Benedito Lacerda e F. Correia da Silva)

Tem bigode ?
 Bigode de Carlito
 E que mais tem
 Tem fama de invicto...
 E' azedo! E' azedo pra limão...
 [...]
 Quando chegar a hora de acertar a escrita,
 Quero ver como ele chora
 E ver como ele grita
 Com carão
 De bebé chorão...⁸¹

A maioria destas músicas sempre possuía um senso cômico, debochado, ridicularizando os líderes do Eixo e os seus adeptos. Isso mostra que apesar do Estado Novo querer um clima sério de ordenação e rigidez, os compositores e a população escapavam dessas ordens cantando estas canções. Outro elemento jocoso presente na folia de Salvador deste ano foram cordões compostos por homens travestidos, possivelmente outra tentativa de o povo escapar da severidade do estado de guerra.

Na crônica presente na mesma Revista Unica sobre o carnaval afirma-se que o Carnaval foi em sua maioria estes ridículos cordões de homens vestidos de saias ou saiotes que depreciavam a festa e se colocavam atrás de muitas festas ocorridas no país. O que salvou a elegância foram os bailes promovidos pelos clubes da elite, como o Bahiano, o Comercial e Yacht. Termina o artigo fazendo votos para que a guerra termine ainda no mesmo ano e que o Carnaval de 1944 possa acontecer com o brilho de outrora.⁸²

Foto 4 – Cordão de travestidos no Carnaval de Salvador

⁸¹ REVISTA ÚNICA, Salvador, ano 14, nº 8, fevereiro de 1943, s.p..

⁸² REVISTA ÚNICA, Salvador, ano 14, nº 8, fevereiro de 1943, s.p..



Fonte: REVISTA UNICA, Salvador, ano 14, nº 8, fevereiro de 1943, s.p..

Já em 1945, com a FEB atuando na Europa, novamente ameaçou-se o Carnaval. Um novo motivo acrescentava-se para o cancelamento: o investimento feito para o Carnaval deveria ser transferido para os pracinhas. Em uma matéria do Diário Pernambucano, o engenheiro Amaro Belo que trabalhava para o Departamento de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores afirmava que:

‘Esse vulto enorme de dinheiro é gasto justamente no momento grave em que o governo do Brasil apela para todos os recursos, a-fim-de conseguir o equilíbrio das despesas nacionais’ – Poderemos oferecer mais agasalhos e mais confortos para aos nossos expedicionários com apenas a metade do dinheiro que botamos fóra durante os folguedos.

[...]

[...] contando apenas 20 capitais e 417 cidade do interior do Brasil [...] os poucos dias de carnaval no Brasil impõem aos brasileiros gastos que montam à incrível e monumental soma de \$87.000.000.000 [...].⁸³

Em Salvador em 1945, o Carnaval foi fraco, poucos foram aqueles que curtiram a festividade. Principalmente em razão do quadro de crise econômica que atingia todo o país. “Em 1945, o Diário da Bahia noticia um ‘Carnaval diferente’. O periódico, utilizando depoimentos de populares, aponta ‘razões econômicas e sentimentais’ que inviabilizaram a realização da festa, dentre elas, o salário mínimo [...]”⁸⁴ O que ocorreu mais foram os bailes em clubes para “a realização de um carnaval como ‘ofensiva contra a infelicidade’”⁸⁵. Salvador e outras cidade baianas só iriam, em 1945,

⁸³ **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, Recife, 12 de janeiro de 1945, p. 3.

⁸⁴ MOUTINHO, op. cit., p. 69.

⁸⁵ ICKES, Scott. Era das Batucadas: O Carnaval baiano das Décadas 1930 e 1940. **Afro-Ásia**, Salvador, nº. 47, p. 199-238, 2013, p. 213.

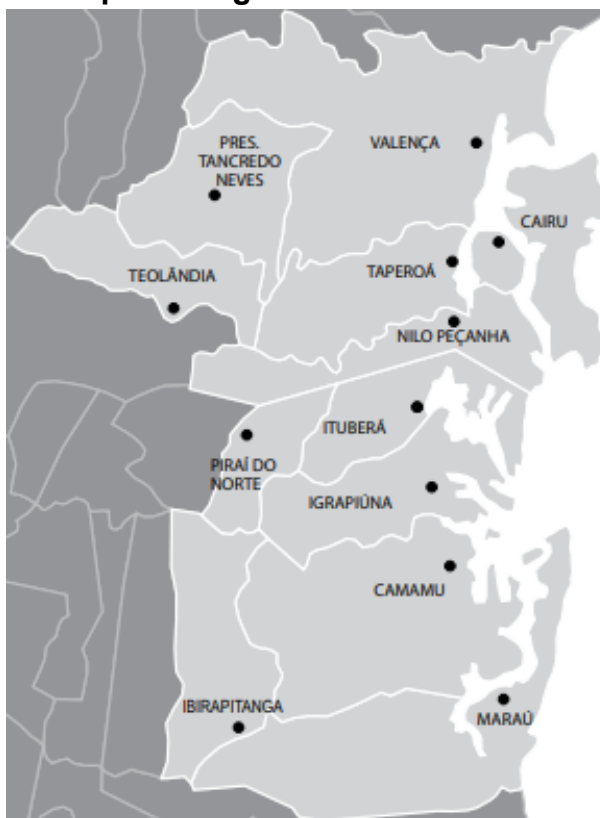
comemorar com amplitude e grandeza em maio com as festas em comemoração as derrotas do Eixo na Europa.

O carnaval como outras festividades e instituições na brasileira entre 1942-1945, tiveram que ser adaptadas ao clima bélico presente no país e mais ainda no estado da Bahia. A situação torna-se mais complicada quando se analisa cidades litorâneas baianas que tiveram todo seu dia a dia transformado em vista os acontecimentos de ordem mundial. Assim especificamente Valença-BA teve toda sua perspectiva econômica, cotidiana e cultural impactada, tornando-se uma das cidades mais afetadas pela guerra.

3 A SOBERANIA AMEAÇADA

O município litorâneo de Valença está localizado no Baixo Sul da Bahia, com uma área de 1.124,66 km²⁸⁶ e segundo o IBGE (2020) a população em 2019 foi estimada em 96.562 habitantes. É constituído por cinco distritos: Valença, Guerém, Maricoabo, Serra Grande e Guaibim. Distante a 146km de Salvador, capital do estado, Valença faz divisa com as cidades de Laje, Jaguaripe, Cairu, Tancredo Neves, Teolândia e Taperoá.

Mapa 1 – Municípios integrantes do Baixo Sul da Bahia



Fonte: FISCHER, Fernando (org.). Baixo Sul da Bahia: uma proposta de desenvolvimento territorial. Salvador: CIAGS/UFBA, 2007, p. 35.

A cidade tinha uma ampla ligação com o Rio Una e o seu litoral, primeiramente em razão pela amplitude da área de suas praias, a atividade pesqueira ser responsável pela subsistência e fonte de alimentação dos moradores da cidade e do distrito do Guaibim, além do transporte marítimo e do escoamento da produção para a capital do estado. Assim o afundamento dos navios Itagiba e Arará em 1942, marca demasiadamente o cotidiano da população valenciana.

Os torpedeamentos ocorridos próximos ao território de Valença

⁸⁶ BRASIL. IBGE. **Monografias Municipais**: Valença. 2017. 32 p. Disponível em: <biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2980/momun_ne_ba_valenca.pdf>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

desencadearam episódios significativos na memória coletiva dos moradores, “[...] é na história vivida que se apóia nossa memória.”⁸⁷ A elite local, os políticos, operários, principalmente os pescadores e produtores rurais tiveram consequências diretas em suas vidas em razão deste ataque. A experiência traumática estabelece um contexto na cidade totalmente diferente, a aparente mansidão do mar, transforma-se no imaginário local, agora habita uma combinação de preocupação e de incertezas. Sobretudo, pois até mesmo embarcações pequenas poderiam ser torpedeadas pelos submarinos do Eixo, isso provoca indignação e também preocupação por parte da população de Valença.

O submarino alemão U-507⁸⁸, comandado por Harro Schacht empreendeu diversos ataques contra navios brasileiros em agosto de 1942. Estes tiveram a especificidade de diferentemente dos outros torpedeamentos todos serem no litoral nordestino e o agravante de suas funções serem de transporte de passageiros e/ou de mercadorias.

Estava pronto para atacar, e credenciais para isso não lhe faltavam. Desde que saíra da linha de montagem dos estaleiros de Hamburgo, em 11 de setembro de 1940, o *U-boat* nazista contabilizara o afundamento de 18 navios aliados no Atlântico Norte. Schacht também tinha um currículo respeitável.⁸⁹

Tabela 2 – Navios brasileiros atacados pelo U-507

Navio	Data	Local	Salvos	Mortos
Baependi	15/08/1942	Divisa de Sergipe e Bahia	36	270
Araraquara	15/08/1942	Divisa de Sergipe e Bahia	11	131
Aníbal Benévolo	16/08/1942	Costa Norte da Bahia	4	150
Itagiba	17/08/1942	48km do Sul de Salvador, 16km do Morro de São Paulo e 24km do Guaibim	145	36
Arará	17/08/1942	48km do Sul de Salvador, 16km do Morro de São Paulo e 24km do Guaibim	15	20
Jacira	19/08/1942	Próximo a Ilhéus	6	0

Fonte: SANDER (2007) e REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (1997, p. 266-268)

⁸⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 60.

⁸⁸ Os denominados U-boats eram submarinos utilizados pelo Eixo, a palavra deriva do alemão “unterseeboot” que significa “submarino”. A Marinha alemã atribuía a essas embarcações a letra “U” acrescida de um número.

⁸⁹ SANDER, op. cit., p. 181-182.

Em agosto, U-507 estava realizando incursões com o objetivo de atacar embarcações. O navio Aníbal Benévolo deveria zarpar do porto de Salvador no dia 14 de agosto, porém houve um problema no sistema de encanamento do navio que atrasou a sua partida e a de todos os outros que estavam naquele local. Só na manhã do dia seguinte, após o conserto ficar pronto, partiu com destino a Aracaju, com o Araraquara e o Baependi também saindo com pequenos intervalos. O comandante do Aníbal Benévolo, Henrique Mascarenhas da Silveira, acreditava que o contratempo ocorrido nos canos tinha sido algo planejado: “Friso desconhecer até hoje [...] a causa que motivou a impossibilidade de nos abastecermos água e zarpamos na hora devida.”⁹⁰ Os navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo saíram de Salvador às 7h, 11h e 12h, respectivamente.

O Baependi tinha como ponto final a cidade de Manaus, com 306 passageiros, incluindo vários militares que iriam para a base de Olinda⁹¹, já no litoral sergipano entre 18:50h e 19h foi atingido por um torpedo lançado por Harro.

O capitão Moutinho relatou o que ocorreu [...]:

A explosão do primeiro torpedo produziu confusão indescritível entre os 300 passageiros e tripulantes. Trinta segundos depois ouviu-se a detonação do segundo torpedo [...]. O submarino atacante, executada a tarefa, veio à superfície, iluminando o seu alvo, a fim de agir com maior precisão. Ao ser ouvido o primeiro estampido muni-me imediatamente de salva-vidas. Não houve tempo para pedidos de socorro ou lamentações, pois o navio afundou em três minutos, não dando tempo, também, a que fossem postas em prática as medidas usuais de salvamento. Os camarotes ficaram logo cheios d'água e, quem não pode correr para o convés, de certo morreu.

Seguindo a mesma rota e com uma diferença de horário não tão grande entre os ataques, o Araraquara, comandado por Lauro Augusto Teixeira de Freitas, e o Aníbal Benévolo foram atacados às 21h do dia 15 e 4h do dia 16. “[...] o Araraquara, torpedeado à noite, demorou cinco minutos a afundar. [...] o Anibal Benévolo em dois minutos [...]”⁹²

Os torpedeamentos realizados durante a noite, quando grande parte dos passageiros estava descansando ou distraídos, aliado com a baixa visão decorrente da ausência de luz durante a noite e baleeiras que não foram utilizadas provocaram um grande número de mortos nos três naufrágios.

O nazismo, com sua covarde campanha submarina, acaba de inscrever mais

⁹⁰ **AGRESSÃO**: Documentário dos fatos que levaram o à Brasil a guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 17.

⁹¹ FERREIRA, Jorge. Mortes no mar, dor na terra. Brasileiros atingidos pelo ataque do submarino alemão U-507 (agosto de 1942). **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p.275-288, 5 jun. 2017.

⁹² AGRESSÃO, op. cit., p. 18.

[...] unidades mercantes brasileiras no ról das vítimas do seu flibusteirismo, um dos aspectos da politica criminoso por que cada alemão irá responder no fim desta longa noite de tragédia em que Hitler e seus comparsas lançaram ao mundo inteiro.

[...] Às perdas materiais, que são enormes, somaram-se as de vidas, preciosíssimas, e tudo completa, com a reiteração já de há muito fóra dos limites da nossa paciência, a mais inominavel afronta à nossa dignidade e à bandeira que veneramos e que sempre tremulou com honra.⁹³

A reação popular valenciana foi instantânea após o recebimento da notícia dos torpedeamentos dos três navios, agravando-se ainda mais quando mais dois navios foram afundados: o Itagiba e o Arará.⁹⁴

3.1 ITAGIBA E ARARÁ

“[...] Schacht rumou na direção sul. Lá, pretendia interceptar os navios que chegassem a Salvador e os que deixassem seu porto para a navegação costeira ou em alto-mar.”⁹⁵ O Itagiba era um navio pertencente a Companhia Nacional de Navegação Costeira, armado em formato de escuna e com tonelagem bruta de 2055t, 87,550m de comprimento e velocidade de aproximadamente 16km/h, já o Arará pertencia a frota de uma das maiores companhias de navegação do Brasil: a estatal Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, igualmente em escuna, era menor do que o Itagiba, tinha 1075t, 73,260m e 11km/h.⁹⁶

O Itagiba tinha saído dia 13 de agosto, do Rio de Janeiro e iria para o Recife, com uma escala em Vitória e Salvador, no navio estavam mais de 90 homens integrantes do 7º Grupo de Artilharia de Dorso – mesmo grupo que estava no afundamento do Baependi. Depois de sair de Vitória, no Espírito Santo, estava se dirigindo a Salvador e estavam perto do Morro de São Paulo, segundo o imediato Mario Hugo Praun em entrevista para o jornal Estado da Bahia, eram cerca de 10:50h e em 2h estariam chegando a Salvador, porém um torpedo atingiu o navio e um clima de pânico se estabeleceu, o comandante José Ricardo Nunes e o cap. José Tito do Canto rapidamente facilitaram o acesso as baleeiras.⁹⁷

O Arará saiu do porto soteropolitano para Santos no dia 17, carregando sucata de ferro. O comandante José Coelho Gomes ao avistar um navio a 10km de distância coberto por uma fumaça branca, na sua concepção era uma explosão na caldeira ou um torpedo, como estava perto do raio do possível submarino, não fazia diferença

⁹³ **CORREIO DA MANHÃ**, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1942, p.2.

⁹⁴ **O MUNICÍPIO**, Valença, 22 de agosto de 1942, p. 2.

⁹⁵ SANDER, op. cit., p. 194.

⁹⁶ AGRESSÃO, op. cit., p.70.

⁹⁷ **ESTADO DA BAHIA**, Salvador, 19 de agosto de 1942, p. 4.

entre ficar e ir, então foi até o local do afundamento e encontrou diversas pessoas boiando nos escombros, ao tentar prestar serviço de socorro aos náufragos é atingido por um torpedo lançado novamente pelo U-507. Em depoimento o comandante afirma que:

Às 13:10, já com 18 náufragos a bordo, divisei um torpedo dirigido contra o meu navio. Tive tempo apenas de gritar: 'Torpedo !' [...]. O navio desmantelou-se. [...] calculo em 1 minutos apenas o tempo [...] entre o torpedeamento e o afundamento do barco.⁹⁸

Naquele momento a saveiro “Deus do Mar” do mestre Guilherme João Batista estava na altura do Morro de São Paulo pescando com mais dois tripulantes. Testemunha dos afundamentos, em entrevista dada ao periódico soteropolitano Estado da Bahia, Antônio Fernandes dos Santos diz que: “Ainda não era meio dia, quando eu vi um vapor que vinha do sul. [...] Pouco depois, ouvimos uma explosão. Olhamos para o navio que estava a dois quilômetros do ‘Deus do Mar’. [...] Nisto, Laurindo diz: ‘ele está fundando.’ E estava mesmo.”⁹⁹

Os torpedeamentos ocorridos durante o dia – 10:50h e 13:10h – foram vistos por várias pessoas, residentes nas praias do Guaibim, Gamboa e Morro de São Paulo. O submarino que realizou os ataques do Itagiba e Arará, o U-507, provavelmente foi avistado pelos moradores do Morro de São Paulo, em conversa com o comandante do Arará, “[...] foi informado de que dois dias antes cerca de cinco horas da manhã avistara um ‘bicho preto’ no mar próximo a uma fazenda perto do local em que se encontrava’.”¹⁰⁰

Outra embarcação que estava naquele raio, o iate Aragipe – que por sorte não foi atacado pelo *u-boat* – prestou socorro aos náufragos e os trouxe até a cidade de Valença, onde poderiam ter uma assistência melhor do que em Cairu. Laurindo dos Santos, morador do Guaibim, na época com 12 anos, relata sobre a reação de Manoel Balbino dos Santos, comandante do iate Aragipe, no resgate dos náufragos:

Meteu o Aragipe em cima, chegou lá pegou um bocado de gente colocou no navio, o [...] o navio dele era de madeira, era igual o Minas Gerais, chegou lá catou todo mundo, ainda pegou uma menina em cima de uma boneca, em cima de uma tábua com uma boneca na mão.¹⁰¹

⁹⁸ AGRESSÃO, op. cit., p. 95.

⁹⁹ ESTADO DA BAHIA, Salvador, 18 de agosto de 1942 (2ª edição), p. 3.

¹⁰⁰ CRUZ, Luiz Antônio Pinto. “A Guerra do Atlântico na costa do Brasil”: rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). 2017. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017, p. 115.

¹⁰¹ Depoimento dado em 13 de outubro de 2019, por Laurindo dos Santos, 90 anos.

A menina mencionada é Walderez Moura Cavalcante, com 4 anos acompanhava seu pai Octávio de Barros Cavalcante que trabalhava no Itagiba. Com o torpedeamento entrou com o seu genitor e outros sobreviventes em uma baleeira, mas o mastro caiu em cima e acabou separando todos, mas conseguiram colocar a criança em uma caixa de madeira sendo resgata depois.

A imagem da criança foi exaustivamente trabalhada pela mídia da época e pelo próprio governo de Vargas, através das publicações do Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de suporte do regime ditatorial. “[...] quando a Segunda Guerra Mundial passa a ser um fato, que o Departamento alcança sua máxima [...] importância: era o porta-voz do regime, o responsável por sua imagem pública e pela divulgação de seus ideais, dentro e fora do Brasil.”¹⁰² Assim com estado de guerra com o Eixo o DIP publicou em janeiro de 1943, “Agressão: documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra”, um livro informativo contendo informações e fotografias sobre os torpedeamentos que motivaram a decisão tomada, além de matérias na imprensa e de cinejornais¹⁰³.

Foto 5 – Walderez com seu pai em um hospital de Salvador



Fonte: AGRESSÃO, 1943, p. 39.

O ataque dos navios teve saldo de 56 mortos e 160 sobreviventes, mesmo

¹⁰² VIEIRA, Ana Paula Leite. **O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)**. 2019. 248 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 71.

¹⁰³ Cinejornais eram documentários curtos produzidos na Era Vargas pelo DIP, exibidos antes de uma sessão de cinema, o objetivo era informar a população brasileira acerca dos acontecimentos do país e realizações do presidente.

tendo um desfecho distinto dos navios anteriores, no qual a taxa de mortalidade foi muito mais alta, a tragédia também trouxe impactos para seus passageiros e a população local que morava perto.

Os afundamentos ganharam um status de uma tragédia com proporções nunca vistas pelos moradores do Morro de São Paulo. A memória dessas pessoas registrou de maneira absolutamente peculiar os acontecimentos [...]: Eu vi aquele navio entrar ali na Gamboa. [...] quando vinha com os torpedeados; bandeira a meio pau. Pra gente, era coisa que a gente nunca viu, não via nem falar, nem nada.¹⁰⁴

3.2 OS NÁUFRAGOS EM VALENÇA

“Valença não era nada disso que tem hoje, Valença era uma cidade que tinha muita poucas ruas, muito pouco comércio.”¹⁰⁵ Segundo o Censo de 1940¹⁰⁶, a cidade tinha 29442 habitantes, desfrutava de um clima muito tranquilo, com grande parcela da população tendo ocupações ligadas a agricultura e pecuária. A placidez foi interrompida na tarde do dia 17 de agosto, com a chegada dos primeiros sobreviventes dos torpedeamentos do Itagiba e Arará no centro do município.

Instantes antes nenhum morador imaginaria que involuntariamente estaria envolvido no até então maior conflito global. O afundamento mexeu não só com o cotidiano daquela população, mas também com seu imaginário e memória. Na tradição oral alguns relatos apontam para determinadas narrativas que aconteceram dentro deste episódio. Para Maurice Halbwachs estes casos são mais perduráveis e memoráveis, pois integram a memória coletiva local.¹⁰⁷ No mais contado pelos moradores de Valença, o pescador Valdemar Pereira afirma:

O pescador chamado Bragi, aí a mulher pedindo socorro, socorro, socorro e ele afogando a mulher com o remo. E a mulher ‘socorro, socorro, eu ajudo, eu ajudo’ e ele... até que a moça faleceu. Aí foi todos os pescador que tava lá, falou, e ele só queria joia da mulher e a maloca da mulher, que era o dinheiro, e pronto.¹⁰⁸

Outra especificidade presente na memória dos valencianos é que uma costureira, moradora da Vila Operária, fez vestidos para a pequena náufraga Walderez Cavalcante¹⁰⁹, sobretudo, pois a sua história comoveu a população, por ser apenas uma criança e ainda ter sido vítima de um atentado.

Como Valença era maior e possuía mais recursos para prestar socorro aos feridos do que Cairu, o comandante do Aragipec decidiu se dirigir até a cidade. Ancorou

¹⁰⁴ MOUTINHO, op. cit., p.157-158.

¹⁰⁵ Depoimento dado em 18 de maio de 2019, por Mustafá Rosemberg, 94 anos.

¹⁰⁶ BRASIL. IBGE, op. cit., p. 396.

¹⁰⁷ HALBWACHS, op. cit., p. 49.

¹⁰⁸ Depoimento dado em 13 de outubro de 2019, por Valdemar Pereira, 90 anos.

¹⁰⁹ Depoimento dado em 03 de setembro de 2018, por Enerina Conceição, 88 anos.

na ponta do Mutá e através de canoas veio até o porto da cidade trazendo o prefeito de Cairu, Raul Miranda, além de dois sobreviventes: o cap. José Tito do Canto e o Imediato do Itagiba Mário Hugo Praun.

Logo foi inteirado do ocorrido o Sr. Prefeito, que [...] determinou que todas as lanchas a motor [...] no porto se dirigissem [...], transportando para esta Cidade os numerosos náufragos, [...] providenciando [...] sobre o internamento e primeiros socorros a serem prestados [...].¹¹⁰

Os sobreviventes foram divididos entre diferentes espaços, os homens do 7º grupo de artilharia de Dorso e a tripulação do Itagiba foram alojados na Recreativa, o restante – passageiros do Itagiba, Arará, incluindo crianças e mulheres – foram para pensões e casas de valencianos. Os feridos mais graves foram internados no Hospital e vários receberam atendimento para os ferimentos leves que possuíam.

O prefeito que tinha dentro de Valença não tinha o que fazer, foi naufragada, foi comprando esteira, aquele diabo, aquilo chamava ... cama de arrastro, né?! E jogando em cima daqueles salão tudo, pra ver o quer era que faziam, ficaram ali. E outros ficaram cá embaixo, isso eu tô dizendo porque eu vi, não é mentira não. E aí aqueles flagelados que estavam aqui ficou a critério do prefeito, né?!¹¹¹

Foto 6 – Náufragos do Itagiba em Valença



Fonte: AGRESSÃO, 1943, p. 41.

No dia 18, às 9h, ocorreu uma missa promovida pela Associação de Defesa do Comércio, Indústria e Lavoura (ADCIL) na igreja da Matriz em intenção dos que

¹¹⁰ **VALENÇA OFICIAL**: Orgão do município de Valença, s/d, p. 5.

¹¹¹ Depoimento dado em 13 de outubro de 2019, por Laurindo dos Santos, 90 anos.

morreram nos cinco torpedeamentos e contando com a presença dos valencianos e dos sobreviventes que não estavam hospitalizados. “O [...] P^a. João Nonato do Amaral pronunciou comovente e patriótica oração, enaltecendo os nossos marujos [...] e condenando os atos de vandalismo dos inimigos de Deus e da Humanidade.”¹¹² O comércio local e outros estabelecimentos não funcionaram pela manhã em respeito da tragédia ocorrida.

A cidade ainda recebeu a visita do “Taylorcraft”, o avião do Aeroclube de Salvador, fez duas viagens para Valença, trazendo medicamentos – soro antitetânico – mandado por Pinto Aleixo, na época ainda comandante da VI RM, solicitado pelo prefeito. A aeronave pousando na cidade marcou a memória de uma cidade que não estava habituada com tanto movimento, muito menos receber um pouso.

E vieram também de avião, é tanto que meu irmão era, agora eu não lembro a idade que eu tinha, quando correu o boato aqui que tava aí o avião, que a gente viu o avião fazer a volta e ir pro campo lá, aí a gente foi, aquele povo todo, eu era menina.

Meu irmão eu não sei se ele já tinha um, dois anos que eu joguei ele nas costas e fui no meio do povo ver o avião, quando chegou lá todo mundo só queria chegar perto do avião, só queria ver. Aí eu fui, ele bateu a mão na asa do avião com ele nas costas.¹¹³

Foto 7 – Avião do Aeroclube de Salvador enviado para Valença



Fonte: **ESTADO DA BAHIA**. Salvador, 19 de agosto de 1942 (1^a edição), p. 8.

3.3 MOVIMENTAÇÃO SOCIAL

Na concepção de Magalhães, as manifestações públicas são atos sociais, geralmente urbanos, atrelados a algum movimento social, acontecendo normalmente em áreas públicas – muitas vezes uma praça – selecionada pelos participantes por motivos singulares.¹¹⁴ Diversos protestos ocorreram em Valença em decorrência dos

¹¹² **VALENÇA OFICIAL**: Orgão do município de Valença, s/d, p. 5-6.

¹¹³ Depoimento dado em 27 de agosto de 2018, por Anatólia Correia, 90 anos.

¹¹⁴ MAGALHÃES, Fabiano Rosa de. As Manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política. **Pensamento Plural**, Pelotas, v. 1, n. 12, p.7-35, jan./jun. 2013.

navios torpedeados, entrada e permanência na Segunda Guerra Mundial, “[...] por força da propaganda e da própria dimensão da tragédia [...]”¹¹⁵ Estes eram feitos em espaços importantes da cidade: na rua Comendador Madureira, na praça da Independência e na 2 de Julho, contando com personalidades importantes e influentes da sociedade como oradores nos discursos e passeatas.

A primeira manifestação ocorreu na noite do dia 19 de agosto, dois dias após os afundamentos e resgate dos naufragos. A população valenciana ficou dividida entre os sentimentos de medo, incerteza e ódio e dirigiu-se até a frente do prédio da prefeitura e realizou um protesto contra o incidente, contando com a presença dos sobreviventes do Itagiba e Arará, algumas pessoas da sacada fizeram um discurso condenando o Eixo pelo crime traiçoeiro, exaltaram a figura do presidente, as Forças Armadas e exigiram represálias.¹¹⁶

Os oradores foram o advogado Epifanio Prospero de Andrade Júnior; o comerciante Tobias Alves Pereira; o diretor do “O Município”, Samuel Lacerda; dentista Odilon Lobão Leal e o prefeito Admar Braga Guimarães. “Todos [...] após discorrerem sobre os feitos históricos de nossas forças de terra e mar, evocando os nossos heróis antepassados, exortaram a população a manter-se calma e coesa e que aguardasse confiante a palavra de ordem do Chefe da Nação.”¹¹⁷

As lutas sociais conferem aos movimentos um caráter cíclico. [...] vão e voltam segundo a dinâmica do conflito social, da luta social, da busca do novo ou da reposição/conservação do velho. [...] Não bastam as carências para haver um movimento. Elas têm que se traduzir em demandas [...]. O conjunto deste processo é parte constitutiva da formação de um movimento social.¹¹⁸

O povo da cidade através de ações coletivas pretendia expressar suas indignações perante o ato alemão e conseguir o retorno da plenitude em desenvolver suas atividades econômicas e sociais, mesmo que para isso exigisse a entrada do país em um conflito bélico mundial. “A população, é claro, é composta por numerosos indivíduos e classes diferentes, mas as pessoas sintetizam ou reduzem essas diferenças sociais em uma única identidade.”¹¹⁹ Naquele momento independente de sua classe social ou ocupação todos sofreram implicações diante da investida do U-507, os operários e dirigentes da Companhia Valença Industrial (CVI), comerciantes,

¹¹⁵ MOUTINHO, op. cit., p. 42.

¹¹⁶ **VALENÇA OFICIAL**: Órgão do município de Valença, s/d, p.6

¹¹⁷ **O MUNICÍPIO**, Valença, 22 de agosto de 1942, p. 1.

¹¹⁸ GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONG e terceiro setor: **Revista Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p.11-40, jan. 2000, p. 13

¹¹⁹ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multitude**: war and democracy in the age of empire. Nova York: Penguin Books, 2004, p. 99. (tradução nossa)

políticos, pescadores e agricultores.

Assim quando o Brasil declarou guerra contra o Eixo em 22 de agosto de 1942, o ato foi celebrado na cidade. “Causou viva satisfação ao povo de Valença e das cidades circunvizinhas, a nota oficial do gabinete do Governo federal [...]”¹²⁰ O prefeito convocou uma reunião na noite de domingo, 23 de agosto, no Teatro Municipal afim de discutir sobre o estado de guerra que o país se encontrava, contando representantes da Liga Esportiva municipal, sindicato operário, ADCIL, Igreja Católica e Batista, além da presença da população. “[...] onde o povo de Valença afirmou mais uma vez o seu patriotismo, prestando irrestrita solidariedade ao chefe da Nação e às autoridades constituídas.”¹²¹

A articulação social em Valença durante esse período foi significativa e efetiva, a população participou de duas campanhas nacionais ligadas a Segunda Guerra Mundial: a Campanha Nacional de Aviação e a dos metais. A CNA, também denominada de “Asas para o Brasil” e “Asas a Juventude Brasileira”. Criada em 1940, foi organizada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand e o ministro do Superior Tribunal Militar, posteriormente também primeiro ministro do Ministério da Aviação, Joaquim Pedro Salgado Filho, afim de angariar fundos para aquisições de aviões e criação de aeroclubes. Na concepção dos idealizadores esta campanha “[...] poderia desenvolver-se e ajudar a solucionar sérios problemas como: a falta de uma aviação civil abrangente, de oportunidades de treinamento para aviadores civis e militares, e a ausência de um monitoramento mais efetivo da nossa costa.”¹²² Com o Brasil na guerra, a vigilância e organização teriam que ser maiores, os aviões poderiam ser utilizados para vigiar a grande costa brasileira, visto que na época vinham ocorrendo vários torpedeamentos e progressivamente é estruturada um grupo de aviação para ser utilizado nos campos de combate.

A CNA na Bahia consegue maiores proporções após os cinco torpedeamentos de agosto de 1942, especialmente em Valença, foi criada uma comissão em setembro para arrecadar fundos com o propósito de adquirir um avião, que iria se denominar “Itagiba” em homenagem ao navio, para o quadro da Força Aérea Brasileira (FAB). “[...] é de espera-se de Valença todo o apoio e auxílio em pról deste cometimento

¹²⁰ **O MUNICÍPIO**, Valença. 29 de agosto de 1942, p. 1.

¹²¹ *Ibidem*

¹²² FERREIRA, Raquel França dos Santos. Uma História da Campanha Nacional da Aviação (1940-1949): o Brasil em busca do seu ‘Brevê’. **Revista Cantareira**, Niterói, n. 17, p.75-86, jul.-dez. 2012, p. 78.

patriótico e, pelo qual, mais uma vez, nosso município reafirmará a sua posição de vanguardeiro das grandes causas nacionais.”¹²³

Já a Campanha dos Metais incentivava todos a contribuírem com metais para serem usados na produção de instrumentos que seriam aproveitados na guerra, ou seja, a construção de navios e armamentos. “[...] a iniciativa governamental priorizou a coleta de zinco, chumbo, latão, estanho, alumínio, bronze e ferro.”¹²⁴ Na Bahia mesmo sendo a Capitania dos Portos a verdadeira responsável por essa tarefa, eram os estudantes que iam recolher.¹²⁵ Isso mostra que a classe estudantil também estava mobilizada diante do clima bélico, assim estudantes valencianos também estiveram à frente da Campanha na cidade.

[...] tão necessaria ao movimento excepcional que atravessa nossa Patria. Com eles daremos asas ao Brasil e fundiremos o aço dos canhões de nossa vitória.

Que cada Familia tenha á mão o que puder fornecer, que a coleta será feita na propria residencia, pelos escolares desta cidade, acompanhados pelos Professores e pessoas que sintam no coração pulsar o sentimento do amor ao Torção Natal.”¹²⁶

Cada vez mais a população como um todo está estimulada e procura se alinhar as diretrizes nacionais. O dia da pátria em 1942, foi diferente do usual, agora o país estava dentro de uma guerra, mais do que nunca o patriotismo esteve presente. Três pilares básicos sustentavam o regime do: os movimentos populares, o desarranjo dos princípios da classe dominante e a atuação forte do Estado.¹²⁷ Durante o Estado Novo, as comemorações e símbolos nacionais eram demasiadamente valorizadas pelo presidente Vargas como uma forma de criar ou manter um caráter patriota entre os brasileiros e de certo modo alicerçar a ditadura.

Em 20 de novembro de 1934, através do projeto do deputado cearense Luís Cavalcanti Sucupira e sancionado por Getúlio, o sete de setembro é instituído como “o dia da pátria”. Vargas faz das comemorações da independência do Brasil mais que uma formalidade obrigatória nos municípios, a festividade tem uma participação popular muito grande, entre os próprios civis e militares. A celebração de 1942, realizada no estádio Vasco da Gama – até então o segundo maior do Brasil – contou com um público expressivo, Vargas fez um discurso enérgico:

¹²³ O MUNICÍPIO, Valença, 5 de setembro de 1942, p. 1.

¹²⁴ SILVA, Paulo Sérgio da; CHAGAS, Honorato C.. A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: primeiros movimentos (1942-44). **Albuquerque**: Revista de História, Aquidauana, v. 8, n. 15, p.108-128, jan.-jun. 2016, p. 118.

¹²⁵ SAMPAIO, op. cit., p. 5.

¹²⁶ O MUNICÍPIO, op. cit., p. 4.

¹²⁷ CARONE, op. cit., p. 166.

A Comemoração do Dia da Independência, se teve, nos últimos anos, cunho de puro culto cívico, reveste-se, hoje, de significação maior, constitua, mesmo, acontecimento extraordinário na vida nacional.

[...]

Cultivando as boas relações com todos os povos, praticando uma política sadia de aproximação e concórdia, fomos, entretanto, surpreendidos com uma agressão brutal e inesperada, por parte de Estados que haviam desde tempos perdido o respeito de si próprios e não podiam, conseqüentemente, manter o respeito devido aos outros.

[...]

A declaração do estado de beligerância colocou-nos na posição de combatentes, e, de acordo com ela, já assentámos os planos de trabalho e de ação.

[...]

Qualquer inimigo que pise o solo pátrio, sobrevoe as nossas cidades ou infeste o mar territorial, receberá o mesmo castigo infligido aos submarinos que, numa prática de pirataria, investiram contra a nossa navegação costeira e foram afundados pelos intrépidos e eficientes pilotos das nossas forças aéreas.

[...]

A exaltação patriótica, a vibração cívica, o calor de brasilidade, postos nestas comemorações do DIA DA INDEPENDENCIA, revelam, acima de tudo, o grau de homogeneidade dos nossos sentimentos e das nossas disposições de repetir e reafirmar o sentido heróico da nossa história e a inflexível decisão de vencer.¹²⁸

O discurso mostra que agora o Brasil paulatinamente vai articular-se para enfrentar as conseqüências do conflito, nos âmbitos socioeconômicos e militares, assim é de extrema necessidade a colaboração dos brasileiros e eterna vigilância com o desenrolar dos acontecimentos.

A comemoração do dia da pátria (7 de setembro) em Valença ocorreu desde o dia anterior, dia 6, quando na praça 2 de Julho, no centro da cidade, alunos de todos os colégios saíram às 9 horas em desfile até o Paço Municipal, sendo acompanhados pela Filarmônica 24 de Outubro. Lá depois do prefeito Admar Braga Guimarães e o delegado escolar discursarem, foi hasteado a bandeira e o hino nacional cantados pelos presentes. Encerrado este momento os escolares continuaram pelas principais ruas da cidade até retornaram e encerram na praça 2 de Julho.

Foi realmente impressionante [...] o entusiasmo da nossa juventude escolar quando orgulhosa desfilava [...] sob as nossas vistas, entoando a canção do Soldado Brasileiro, fazendo-nos vibrar de patriotismo e orgulho, dando-nos o exemplo de seguir, encorajando-nos para a ardua tarefa que temos de enfrentar e dando-nos a idéia do que será ela capaz no futuro próximo.¹²⁹

No dia 7, na praça Barão Homem de Melo¹³⁰, uma multidão, “[...] a maior até então registrada nesta cidade [...]”¹³¹, compareceu para celebrar o dia da

¹²⁸ AGRESSÃO, op. cit., p. 61-63.

¹²⁹ **O MUNICÍPIO**, Valença, 12 de setembro de 1942, p. 1.

¹³⁰ Atualmente denominada de praça Admar Braga Guimarães em homenagem ao prefeito que ocupou o cargo entre 1942 e 1943.

¹³¹ **O MUNICÍPIO**, 12 de setembro de 1942, p. 1.

independência. Várias pessoas discursaram no momento, ocorreu a coleta de doações para a Campanha da Aviação e a execução do Hino Nacional com as filarmônicas 24 de Outubro e Minerva.

Aderiram a este movimento altamente patriótico, todas as instituições da cidade incorporadas, empunhando flâmulas ou estandartes com legendas expressivas como estas: “Asas para o Brasil”, “Independencia ou Morte”, “Abaixo o Integralismos”, “A America Vencerá”, “Viva o Brasil”, “Abaixo o Totalitarismo”, “Viva a Democracia”, “Com Vargas Venceremos” e, lembrando os últimos navios nossos afundados em aguas territoriais, pequenas flâmulas com os nomes: «Itagiba», «Arará», «Baependí», «Araraquara», «Anibal Benevolo», dentro do «V» simbolico, que tanto significa Vingança como Vitoria.¹³²

3.4 FESTA DA VITÓRIA

Ao longo dos anos de 1942,1943,1944 e 1945, foram realizadas diversas manifestações e comícios em Valença motivadas pelo estado de guerra nacional e as dificuldades vividas pela população local. Já na reta final da Segunda Guerra Mundial, a invasão dos Aliados na Alemanha determinou praticamente a derrota do Eixo. Em 30 de abril de 1945, com Berlim cercada pelo Exército Vermelho, sem possibilidades de uma resposta visto as condições catastróficas e ainda a morte de Mussolini, Adolf Hitler comete o suicídio no seu bunker.

Findada a Batalha de Berlin, o general Alfred Jodl assinou a rendição incondicional da Alemanha Nazista no dia 7 de maio, encerrando a participação alemã no conflito. No dia seguinte é instituído o “Dia da Vitória na Europa”, comemorado nos países Aliados e conseqüentemente no Brasil. Em Valença, a população já vinha há alguns dias celebrando o progresso consecutivo dos Aliados, mas entre os 7 e 9 ocorreu o ápice das celebrações e manifestações, todos os dias ocorriam comícios em praças públicas com oradores de diferentes ocupações. “Em 1945, realmente foi o término da guerra e nestes dias que lá no interior, a cidade participou da grande alegria pela vitória... eu creio que em todos os recantos, cidades do Brasil comemoram muito bem.”¹³³

As ruas da cidade foram enfeitadas e os habitantes saíram vibrando, carregando bandeira das nações aliadas e fotos dos líderes. Pela noite do dia 7, na praça da Independência, centro da cidade, através de alto-falantes instalados para aquela ocasião, oradores expressaram-se acerca da vitória e da queda nazifascista. “Falei em praça pública, porque nessa época embora tivesse não tão velha, mas a

¹³² O MUNICÍPIO, 12 de setembro de 1942, p. 1.

¹³³ Depoimento dado em 15 de setembro de 2018, por Ceres Marques Nunes Ameno, 92 anos

euforia do povo por se ver livre de um período de guerra – que não é coisa boa – fazia com que pobres e ricos comemorassem, né?!”¹³⁴

Valença por sediar em seu território a CVI era tradicionalmente operária, a classe foi uma das mais entusiasmada com os atos do fim da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Ceres Ameno, na época havia uma clara distinção socioeconômica na cidade entre a classe operária e a elite. “Eu me lembro como filha de operário, mas já envolvida pelo contágio da libertação pós-guerra, entusiasta a qualquer um. E na praça, não lembro bem as palavras, mas que senti a vontade de me desabafar como filha de operário...”¹³⁵ A guerra trouxe impactos diretos no cotidiano do operariado valenciano, logo com o seu término não seria idealismo que esperassem uma melhora das condições de vida. Para a depoente, isso seria possível através da emancipação: “Me lembro que a praça tava cheia e a gente pela primeira estava agradecendo e ao mesmo tempo com desejos de uma libertação entre a classe rica e a classe operária.”¹³⁶ Nos salões do clube da Recreativa foram realizados bailes, a Companhia Valença Industrial e o comércio local liberaram seus empregados durante três dias para as festividades.¹³⁷

Nos dias 8 e 9 de 1945, as comemorações voltaram-se para o âmbito religioso. A cidade era marcadamente católica,¹³⁸ por isso as solenidades dessas datas possuíram uma ampla significação para os moradores. No primeiro dia ocorreu uma missa campal na praça 2 de Julho em ação de graças pela derrota do Eixo e a paz na Europa. “S. Revm^o. dirigiu a palavra aos seus paroquianos num substancioso discurso de teor cristão e fundo democrático, revelando-se perfeitamente em dias com os acontecimentos que culminaram com a Vitória das Nações Unidas.”¹³⁹ Depois os presentes saíram em caminhada com bandeiras e anúncios relacionados aos Aliados.

Em 9 de maio, às 16 horas, uma grande procissão saiu da praça 2 de Julho com as imagens de Nossa Senhora do Amparo, santa com maior devoção de Valença e padroeira do município, junto com o Senhor do Bonfim, um dos mais estimados pelos baianos. O cortejo transitou pela maioria das ruas da cidade, incluindo a Vila Operária, com uma imensa participação popular. Seguidamente foi até a Igreja do

¹³⁴ Depoimento dado em 15 de setembro de 2018, por Ceres Marques Nunes Ameno, 92 anos.

¹³⁵ Ibidem

¹³⁶ Ibidem

¹³⁷ **O MUNICÍPIO**: Valença, 12 de maio de 1945, p. 4.

¹³⁸ Cerca de 98% da população valenciana tinha o catolicismo como religião. BRASIL. IBGE, op. cit., p. 396.

¹³⁹ **VALENÇA OFICIAL**: órgão do município de Valença, 31 de maio de 1945, p. 1.

Amparo, onde deixou a imagem guardada da padroeira, depois até a Matriz pondo a do Senhor do Bonfim.¹⁴⁰

As festividades da vitória prolongaram-se até a outra semana, quando foram realizados dois bailes na Recreativa, nos dias 12 e 13, um de máscara e o outro a fantasia, respectivamente.¹⁴¹ Na Vila Operária, bairro onde o operariado residia, na sede do clube Ypiranga ocorreram outros bailes com grande participação popular. Além de uma passeata realizadas com os alunos da cidade levando retratos dos presidentes aliados e flâmulas com as cores das bandeiras destes países.¹⁴²

Finalmente, são merecedores dos melhores aplausos o povo valenciano em geral, e especialmente, os componentes da Comissão organizadora das celebrações em louvor da Vitória, pelo magnífico êxito alcançado, colocando, assim, Valença, entre as primeiras das cidades da Bahia, que com ardor patriótico, fé inquebrantável e entusiasmo cívico festejaram o memorável feito das Nações Unidas, Líderes da Liberdade Universal.¹⁴³

¹⁴⁰ **VALENÇA OFICIAL**: órgão do município de Valença, 31 de maio de 1945, p. 1.

¹⁴¹ **O MUNICÍPIO**, Valença, 19 de maio de 1945, p. 1.

¹⁴² *Ibidem*.

¹⁴³ **VALENÇA OFICIAL**, op. cit., p. 2.

4 AS CONSEQUÊNCIAS NO COTIDIANO

Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial em 1939, e posteriormente a entrada do Brasil em 1942, a economia e rotina dos valencianos foram impactadas diretamente. “Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade.”¹⁴⁴ Logo a população estará envolvida em um *front interno* promovido pelo governo Vargas e irá enfrentar dificuldades em aspectos rotineiros como a alimentação e o transporte.

O *front interno* estabelecido partia da concepção de criar uma mobilização dos civis brasileiros durante o período da guerra, estes deveriam contribuir com êxito e progresso do país.¹⁴⁵ Deste modo todos deveriam compreender as adversidades que passavam e aqueles que pudessem deveriam participar de maneira laboral.

Aliado com o *front interno* existia ainda a denominada batalha de produção, a idealização de uma batalha era uma metáfora utilizada pelo Estado Novo para simbolizar um soldado que se dirige aos campos de batalha pelo patriotismo.¹⁴⁶ Ou seja, transforma todos em soldados, até mesmo os civis, estes deveriam participar da guerra produzindo o máximo que podiam em suas ocupações. “[...] o governo varguista e os industriais criaram mecanismos de imposição de um ‘regime militar’ dentro das indústrias, tornando o operariado ‘soldado da produção’ lutando em um ‘front interno’.”¹⁴⁷

Para isso Vargas utiliza a máquina estatal decretando legislações para que os trabalhadores fossem coagidos a produzir mais. Iniciando com o Decreto-lei nº 4639, de 31 de agosto de 1942, dias após a declaração do estado de guerra contra a Alemanha e Itália, as empresas de serviço público ou aquelas que interessassem a produção e defesa do país poderiam aumentar a jornada de trabalho para dez horas diárias, com o acréscimo nessas duas horas a mais de 20% do salário.¹⁴⁸ Com o Decreto-Lei nº 4868, de 23 de outubro de 1942, decreta:

¹⁴⁴ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 34.

¹⁴⁵ CYTRYNOWICZ, op. cit., p.100.

¹⁴⁶ PUREZA, Fernando Cauduro. **Economia de guerra, batalha da produção e soldados-operários: o impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos trabalhadores de Porto Alegre (1942-1945)**.2009. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 35.

¹⁴⁷ DAVIN, Thiago Henrique Carvalho. **O “front interno” são-joanense durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2017, p. 62.

¹⁴⁸ BRASIL. **Decreto-lei nº 4.639**, de 31 de agosto de 1942. Faculta a prorrogação normal do trabalho nas empresas que interessem à produção e à defesa nacional, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1942.

Art. 1º Nas atividades consideradas essenciais à segurança nacional, e que não sejam reputadas insalubres, ou quando se tratar da conclusão de serviços diretamente ligados à defesa nacional, mediante autorização do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, poderá ser adiado o período em que as férias deveria ser gozadas pelos respectivos empregados, sem prejuízo de sua acumulação no decurso do ano seguinte.

Parágrafo único. Excepcionalmente, a juízo do ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, o benefício das férias poderá ser convertido em indenização na forma do que prevê a legislação em vigor para os casos de sonegação desse direito.¹⁴⁹

E ainda o de nº 4.937, de 9 de novembro de 1942, os trabalhadores de fábricas bélicas não poderiam trocar de emprego, salvo se alguma autoridade lhe desse autorização, caso faltassem por mais de oito dias seria considerado desertor e julgado por este crime e teriam seu salário cortado por dia de falta sem justificativa.¹⁵⁰

Todavia muitas vezes o povo poderia ajudar de formas simples, como apontado em campanhas nos periódicos da capital baiana, quanto no interior, como em Valença e Santo Antônio de Jesus. O jornal valenciano de maior circulação da época “O Municipio” dias depois dos torpedeamentos dos navios em agosto de 1942, já pede para os moradores serem patriotas fazendo economia. “Diminuindo o consumo de tudo que fôr procedente ou que dependa dos países de além-mar. Independente das medidas postas em pratica pelo nosso governo, devemos economizar tudo o que venha de outra parte – assim venceremos.”¹⁵¹

Na mesma edição, em um artigo intitulado “Quer ser sargento aviador?”, é abordado a criação do Ministério da Aeronáutica e suas recentes vitórias: a destruição de um submarino e expulsão de outros dois que ameaçavam a frota mercante nacional. No final convidava os jovens a ingressarem na FAB, afirmando que qualquer adolescente poderia ser um sargento aviador caso possuísse saúde boa e persistência.¹⁵² Ou seja, os jovens valencianos eram influenciados através desses discursos na imprensa local a serem da FAB, auxiliando o Brasil na defesa do seu território litorâneo extenso e evitando que as embarcações fossem atacadas pelo *u-boats* do Eixo.

A prefeitura de Valença distribuiu boletins na cidade em agosto de 1942,

¹⁴⁹ BRASIL. **Decreto-lei nº 4.868**, de 23 de outubro de 1942. Altera o regime de concessão de férias aos trabalhadores empregados nas atividades essenciais à segurança nacional, enquanto durar o estado de guerra. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1942.

¹⁵⁰ BRASIL. **Decreto-lei nº 4.937**, de 09 de novembro de 1942. Assegura o pleno funcionamento dos estabelecimentos fabrís militares e civis produtores de material bélico. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1942.

¹⁵¹ **O MUNICIPIO**, Valença, 29 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵² *Ibidem*

contendo um discurso que insufla os habitantes a trabalharem mais sem parar para o país progredir economicamente e a renúncia de certas comodidades em favor novamente da nação.

Trabalhar é a palavra de ordem do Governo. Valencianos! Aumentai, pelo trabalho sem treguas, o potencial economico da Nação em armas !

[...]

A hora presente é de abnegação e sacrifício, Valencianos! Sacrificais, no altar da Patria, comodidades, bens e, se preciso fôr, a propria Vida !¹⁵³

O jornal Paladio conclamava aos agricultores que aumentassem sua produção ao máximo para auxiliar o país e conseqüentemente vencer o conflito, essa atitude evitaria a fome e a carestia dos alimentos, contribuindo com o *front interno*. Ainda justificavam afirmando que empunhar o arado naquele momento era tão importante a nação quanto segurar um fuzil.¹⁵⁴

Foto 8 – Campanha da Companhia Electrica da Bahia



Fonte: **REVISTA UNICA**, Salvador, ano 14, nº 5 e 6, dezembro de 1942 e janeiro de 1943, s/p.

Já nas páginas do “Estado da Bahia” e da revista “Única” continham campanhas da “Companhia Energia Electrica da Bahia” que com ilustrações e uma mascote “Seu Kilowatt”, orientava os baianos a economizar e controlar os seus gastos para colaborar na guerra. Em algumas pediam que a população integralmente

¹⁵³ **O MUNICIPIO**, Valença, 5 de setembro de 1942, p. 3.

¹⁵⁴ **O PALADIO**, Santo Antônio de Jesus, s/d, s/p.

produzisse em maior quantidade e com mais vigor naquele momento difícil:

- O desenvolvimento desta nossa cidade não pode ficar estacionário, mesmo agora quando se torna cada vez mais difícil a aquisição de certos materiais de importação, tão necessários ao progresso local.
- De mãos dadas, todos nós deveremos trabalhar com o fito de vencer ou contornar todos estes novos problemas, que tão de perto interessam às atividades locais. Economisemos, pois, em todos os sentidos – diz “Seu” Kilowatt, o criado elétrico.¹⁵⁵

Dentro da Revista “O Cruzeiro” do Diário Associados¹⁵⁶, revista semanal ilustrada muito vendida na época e de circulação nacional, eram veiculadas propagandas da estadunidense *Esso* sobre o progresso trazido com o conflito e a melhoria de artigos aproveitados rotineiramente pela população.

A guerra moderna está provocando de modo extraordinário o aperfeiçoamento de inúmeros produtos necessários à vida da população civil. Os combustíveis e lubrificantes, por exemplo, estão melhorando, no grau máximo, e ao mesmo tempo se ampliam as aplicações do petróleo... tudo benefício quando vier a paz.¹⁵⁷

Nem mesmo as crianças baianas estavam isentas de serem inseridas no ambiente de guerra. Na opinião de Machado Filho, os professores deveriam, através de um planejamento efetivo com ordem e disciplina, fazer com que seus pequenos alunos estejam habituados ao clima bélico instaurado, portanto cooperando para a vitória do Brasil.¹⁵⁸

4.1 CARESTIA E SOBREVIVÊNCIA

O Brasil desde a crise de 1929, enfrentava um contínuo aumento do custo de vida e da inflação. Atribuído a redução da produção, déficits orçamentais, baixos diminutos e uma conjuntura desfavorável do balanço de pagamentos, fazendo o Estado Novo empenhar-se em combater, todavia sem um efeito consistente.¹⁵⁹

O Estado Novo com o ministro da Fazenda, Sousa Costa, particularizara uma política de grande intervenção estatal na economia. Com o advento da Segunda Guerra e posteriormente a entrada do Brasil, os preços tendem a aumentar, o governo tendo uma grande centralização do poder incide com esforços, legislações e comissões.

Em 1938, é decretada a lei que delimita os delitos contra a economia popular,

¹⁵⁵ **ESTADO DA BAHIA**, Salvador, 1 de julho de 1942, p. 5.

¹⁵⁶ Conglomerado jornalístico criado por Assis Chateaubriand em 1924. Na década de 40, figurava entre uma das maiores companhias do Brasil e possuía grandes publicações: os jornais Diário de Notícias (BA), Diário da Noite (RJ), O Jornal (RJ) e as revistas O Cruzeiro (RJ), Cigarra (SP).

¹⁵⁷ **O CRUZEIRO**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 41, 5 de agosto de 1944, p. 15.

¹⁵⁸ MACHADO FILHO, Brasília. **A criança e o «clima de guerra»**. Revista Unica, Salvador, ano 15, nº 2, agosto de 1943, s/p.

¹⁵⁹ CARONE, op. cit., p. 83.

Vargas sempre se apresentou como um protetor da população pobre e trabalhadora¹⁶⁰, com esta legislação pretendia punir aqueles que “atentavam” contra as finanças do povo. A lei condena a destruição de produtos importantes afim de aumentar o seu valor; promover truste; abandonar lavouras, suspensão de atividades fabris, estabelecimentos de produção e meios de transporte; fraudar pesos da balança e ignorar o tabelamento governamental de preços.¹⁶¹ Estes crimes eram inafiançáveis e eram levados ao Tribunal de Segurança Nacional com penas variando entre 6 meses a 10 anos e multa de 2:000\$000 a 50:000\$000.

Em 16 de setembro de 1939, o governo cria a Comissão do Abastecimento para “[...] assegurar, enquanto perdurar o estado de emergência econômica existente [...], o suprimento regular de utilidades indispensáveis à manutenção da população do país, e [...] conveniência do coibir a elevação exagerada dos preços de venda [...].”¹⁶²

Atuante em todo o território nacional, deveria regular a elaboração e comercialização de alimentos, matéria primas, combustíveis, medicamentos, materiais de construção, ou seja, tudo aquilo que era fundamental, além disso fixava o preço de venda máxima destas mercadorias. No âmbito exterior é instituída a Comissão de Defesa da Economia Nacional, em 26 de setembro.

Art. 2º. Além das medidas de caráter especial ou de emergência que for necessário promover, mediante autorização do Presidente da República, compete à Comissão deliberar quanto:

- a) ao levantamento dos estoques de mercadorias de produção nacional e importadas;
- b) ao fomento da exportação de mercadorias de mais fácil colocação nos mercados mundiais;
- c) à conveniência de entendimentos diretos com Governos estrangeiros para troca de mercadorias;
- d) às exportações e importações, afim de assegurar ao país um suprimento regular dos artigos necessários ao consumo interno e ao funcionamento das indústrias consideradas fundamentais;

[...] ¹⁶³

Com o avanço da guerra e os ataques por submarinos do eixo aos navios mercantes brasileiros a exportação brasileira diminui conforme aponta Carone¹⁶⁴.

¹⁶⁰ Cf. CAPELATO, Maria Helena Rolim. Identidade nacional e produção de sentimentos. In: _____ . Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 263-306.

¹⁶¹ BRASIL. **Decreto-lei nº 869**, de 18 de novembro de 1938. Define os crimes contra a economia popular sua guarda e seu emprego. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1938.

¹⁶² BRASIL. **Decreto-lei nº 1607**, de 16 de setembro de 1939. Cria a Comissão de Abastecimento. Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1939.

¹⁶³ BRASIL. **Decreto-lei nº 1641**, de 29 de setembro de 1939. Dispõe sobre a criação o funcionamento da Comissão de Defesa da Economia Nacional. Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1939.

¹⁶⁴ CARONE, op. cit., p. 42.

Também justificado pelo Decreto-lei nº 4270¹⁶⁵ que proibia as exportações ou reexportações de produtos nacionais ou estrangeiros tidos como essenciais para o país. Novamente em uma tentativa de regularizar a economia, Getúlio Vargas criou a Coordenação de Mobilização Econômica órgão que iria controlar a economia brasileira durante o período bélico, orientar os diversos setores a produzir mais e com uma eficiência maior, investigar preços, coibir a venda com valores altos, fixar preços mínimos e máximos.

Os próprios relatórios produzidos pela Coordenação de Mobilização Econômica [...] afirmam que o órgão foi inteiramente ineficiente. Em todas as comissões encarregadas de fiscalizar predominavam os industriais. As ações de “guerra” contra os especuladores não passavam, em geral de jogo de cena.¹⁶⁶

Com isso o Brasil passou por uma crise nacional motivada pelo aumento do custo de vida e escassez de produtos e alimentos. Para Quadros vários eram os motivos para a alta de preços dos gêneros alimentícios no período: a inflação e a crise cambial, longas estiagens e o êxodo rural que motivaram a queda da produção e mão de obra, além do próprio conflito global que forçou o governo a adotar medidas econômicas e o racionamento.¹⁶⁷

Tabela 3 – Índice do custo de vida na cidade de São Paulo (1939-1945)

Anos	Alimentação	Habitação	Vestuário	Combustível	Móveis
1939	100	100	100	100	100
1940	107	100	106	106	111
1941	121	101	122	121	118
1942	134	102	144	171	126
1943	153	104	183	205	153
1944	201	104	233	294	253
1945	245	104	301	441	285

Fonte: ÓNODY, Oliver. A inflação brasileira (1820-1958). Rio de Janeiro: [s.n.], 1960, p. 127.

Na Bahia desde 1940, a população sente o aumento dos produtos e serviços, como o de transporte. O percurso entre Valença e Salvador era feito através de barcos e escunas, em uma viagem que durava até seis horas. O Diário da Bahia em dezembro de 1940, noticia que o preço das passagens desta viagem estava demasiadamente caro, chegando a 32\$000 por passageiro na escuna Industrial. “O

¹⁶⁵ BRASIL. **Decreto-lei nº 4270**, de 17 de abril de 1942. Estabelece a prioridade para as exigências da Segurança Nacional e dá outras providências. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1942.

¹⁶⁶ CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 30.

¹⁶⁷ QUADROS, Luana Moura. “**Farinha pouca, meu pirão primeiro**”: Carestia na Bahia Republicana (1937-1945). 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016, p. 60.

absurdo tem sido combatido, rigorosamente, pelos prejudicados, e as folhas locais vêm publicando comentários, em comparação de viagens mais longas que se paga quase 50% a menos.”¹⁶⁸ Por fim afirma que necessita de uma fiscalização mais séria para os empresários que denomina de “infratores das leis da economia social”.

Em relação aos alimentos, estes aumentam de forma exponencial o preço com o passar dos anos. Por isso que a escassez e até mesmo falta é lembrada pelos moradores de Valença durante os anos de guerra: “Faltou, faltava comida. Bacalhau faltava na época, aqui entrava bacalhau em Valença, era as barricas. Bacalhau, carne de sertão [...]”¹⁶⁹

Tabela 4 – Preço do Cacau em Valença (1942-1943)

Julho de 1942	Agosto de 1942	Setembro de 1942	Dezembro de 1942	Fevereiro de 1943
1\$100	1\$100	3\$500	3\$500	3\$500

Fonte: Boletim da Cooperativa Central dos Cacaucultores Bahianos (1942, 1943).

A especulação, sempre vista como um crime contra a economia popular pelo Estado Novo e considerada um dos piores problemas pela imprensa, faz com que cada vez menos a população tenha acesso amplo aos alimentos.¹⁷⁰ Isso explica porque a farinha de mandioca teve picos de aumento em Valença mesmo a cidade possuindo uma produção notória de farinha de mandioca. Em 1942, a exportação anual do produto valenciano girava em torno de 100000 sacos.¹⁷¹ “Teve uma época [...] que farinha deu de 60 a quarta¹⁷². E geralmente era barata.”¹⁷³

Tabela 5 – Variação do preço de gêneros básicos na Bahia (1942-1944)

Gêneros	1942	1943	1944
Charque	\$ 2,20	\$ 2,80	\$ 3,20
Café	\$ 5,80	\$ 6,40	\$ 8,40
Carne verde	\$ 5,00	\$ 5,00	\$ 6,40
Batata	\$ 2,80	\$ 3,00	\$ 3,60
Banha	\$ 7,00	\$ 7,00	\$ 9,50
Farinha	\$ 0,90	\$ 1,00	\$ 1,40
Manteiga	\$ 12,00	\$ 13,00	\$ 23,00
Pão	\$ 2,20	\$ 2,20	\$ 3,00

Fonte: MOUTINHO (2006, p. 78)

¹⁶⁸ **DIÁRIO DA BAHIA**, Salvador, 13 de dezembro de 1940, p. 3.

¹⁶⁹ Depoimento dado em 27 de agosto de 2018, por Anatólia Correia, 90 anos.

¹⁷⁰ MOUTINHO, op. cit., p. 77.

¹⁷¹ **REVISTA UNICA**, Salvador, ano 15, nº 1, junho/julho de 1943, s/p.

¹⁷² A quarta de farinha no interior baiano na época continha cerca de 15 litros.

¹⁷³ Depoimento dado em 27 de agosto de 2018, por Anatólia Correia, 90 anos.

Outros alimentos básicos entre 1942 e 1945 igualmente tiveram um aumento significativo como a dúzia de ovos que aumentou de 1\$400 a 2\$200.¹⁷⁴ A carne era quase um item de luxo em algumas cidades do interior baiano.

O aumento, principalmente no preço da carne verde, é o que produz maiores cuidados no espírito do povo. Não diminuiu o numero de criadores no sertão da Bahia; pelo contrário, estará aumentado hoje esse numero. Não se noticia de sêca que haja diziamado os nossos rebanhos. Nenhuma informação de motivos sobre a alta da carne se adquire. A subida de preço cada dia mais vivamente acêsa precisa de ser investigada, estudada pelo governo [...].¹⁷⁵

Segundo o jornal o aumento da carne não tem relação com um decréscimo da produção ou alguma condição natural que impossibilite a criação e o abate do gado, a falta vem pelos especuladores. Três anos depois o tema novamente vira pauta, agora afirma que a carne vai virar uma mercadoria que causará medo as pessoas pelo seu preço. Queixasse do preço em Vitória da Conquista que o quilo sem osso chegava a custar 6 cruzeiros, e em Santo Antônio de Jesus a 4 cruzeiros, questionando como é que os pobres iriam sobreviver em condições tão críticas.¹⁷⁶

O salário mínimo foi fixado a partir de um decreto-lei instituído por Vargas em 1940, o Brasil foi dividido em várias regiões e em cada uma foi atribuída um valor. Um reajuste só foi dado em julho de 1943 e depois em novembro de 1943. Mas mesmo com os aumentos os salários baianos não eram compatíveis com os preços dos produtos e não subiam de acordo com suas as variações o que justificava a reclamação da população.

Tabela 6 – Salários na Bahia (1940-1943)

Cidades	1940	Meados de 1943	Novembro de 1943
Salvador	150\$000	Cr\$ 210	Cr\$ 240
Camamu	120\$000	Cr\$ 180	Cr\$ 210
Cairu, Nazaré, Nilo Peçanha, Taperoá, Valença	110\$000	Cr\$ 170	Cr\$ 195

Fonte: BRASIL. **Decreto-lei nº 2.162**, de 1 de maio de 1940. Institue o salário mínimo e dá outras providências. Rio de Janeiro, 4 de maio 1940. Seção 1, p. 8009-8011; MOUTINHO (2006, p. 79); BRASIL. **Decreto-lei nº 5977**, de 10 de novembro de 1943. Altera a tabela do salário mínimo, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1943. Seção 1, p. 17073-17079.

Em Salvador a situação não era diferente do interior, o povo protestava contra a quantia da carne e seu desaparecimento dos açougues do município. Os jornais

¹⁷⁴ O PALADIO, Santo Antônio de Jesus, 16 de janeiro de 1942, p. 1.

¹⁷⁵ Ibidem

¹⁷⁶ O PALADIO, Santo Antônio de Jesus, 10 de janeiro de 1945.

queixavam-se que a carne estava sendo desviada para o “câmbio negro” afim de ser vendida a importâncias maiores ou então apenas os ricos tinham acesso.¹⁷⁷

Para Mattoso, em relação à carne, havia comerciantes grossistas que mantinham a exclusividade do seu fornecimento. No comércio de gêneros em geral, ela afirma que o caráter de monopólio e açambarcamento era típico do mercado de Salvador, que estava na mão de grandes capitalistas que possuíam facilidades de crédito que propiciavam que cada um deles tivessem seus próprios trapiches para se que estocassem os produtos. Logo, interferiam diretamente nas leis da oferta e da procura de alimentos, forçando a elevação de preços.¹⁷⁸

Houve registros de comerciantes que eram presos por infringir o preço tabelado. Como o caso de um açougue localizado na Avenida Joana Angélica que estava vendendo a carne de porco a \$5,00 o quilo, enquanto na tabela marca \$4,20. Levados à delegacia, o açougueiro e seu auxiliar confessaram que haviam adquirido o produto no Matadouro do Retiro por \$4,40, todavia o preço tabelado é de \$3,50.¹⁷⁹ Percebe-se que não apenas o consumidor comprava de um valor diferente do que constava no tabelamento, os comerciantes faziam o mesmo.

Em Valença, o prefeito Adelino Gonçalves de Amorim, na tentativa de evitar a ação dos especuladores e do aumento indiscriminado, emite uma portaria colocando uma multa dirigida aos negociantes grossistas que reiteradamente não seguiam o preço tabelado.¹⁸⁰ Na costa litorânea próxima atuavam açambarcadores, como denominavam na época, que compravam pescado diretamente dos pescadores e revendiam a preços maiores em Salvador. Essa prática determina o desabastecimento do produto em Valença, como mostra a imprensa local:

O pescado de Valença e dos municípios vizinhos dá apenas para o consumo local. [...]
O srs. Prefeitos dos Municípios tem autoridade para impedir a exportação dos produtos que apenas dão para suprir as necessidades locais – portanto mãos à medida, para que o povo não continue sofrendo os efeitos desta irregularidade que poderá ser evitada com um pouco de bôa vontade e colaboração inter-municipal [...].¹⁸¹

A região possuía um agravante: havia sido ali que dois navios mercantes haviam sido torpedeados e isso na mentalidade dos pescadores locais e donos de embarcações tem uma logística totalmente diferente. “Foi muito lastimável por falta de transporte para trazer mercadorias da Capital pra nossa região – antigamente o transporte era marítimo através de barcos – por este motivo os mestres de

¹⁷⁷ **DIÁRIO DA BAHIA**, Salvador, 6 de fevereiro de 1945, p. 3.

¹⁷⁸ QUADROS, op. cit., p. 71.

¹⁷⁹ **O IMPARCIAL**, Salvador, 21 de fevereiro de 1943, p. 8.

¹⁸⁰ MOUTINHO, op. cit., p. 84.

¹⁸¹ **O MUNICÍPIO**, Valença, 11 de julho de 1942, p. 1.

embarcações tinham medo de ser bombardeados.”¹⁸² Para Carvalho os torpedeamentos na costa brasileira ocasionaram prejuízos como a perda do material transportado e impactos socioeconômicos pela dificuldade de escoamento da produção, envolvendo ainda o psicológico da sociedade com o receio de novos ataques.¹⁸³ Na década de 40, o transporte marítimo era o mais utilizado para o transporte de pessoas e mercadorias na Bahia, o ferroviário e o terrestre funcionavam, mas não eram capazes de suprir a demanda.

Apesar da falta generalizada de alimentos e a alta de preços aliado as dificuldades existentes na época, um momento é relembrando com prazer pelo depoente Laurindo dos Santos. Diversos produtos que estavam nos navios afundados apareciam nas praias baianas e serviam para atenuar os problemas financeiros dos litorâneos e complementar suas rendas e até mesmo garantir a sobrevivência. No Guaibim muitos artigos foram encontrados pelos moradores e vendidos ou transformados em peças de vestuário:

[...] peguei borracha, peguei gás, peguei farinha do reino, porque a farinha do reino era ensacada e só molhava a casca de fora e fez aquele cascão de fora, dentro tá livre, aquilo quando a gente pegava e rasgava assim, pegava aquela costura, rasgava, pegava aquele diabo tudo da praia ou então trazia pra fazer calção, pra pescaria. E outra, mamona, eu peguei um bocado de mamona, aquilo ali a praia ficou igual a concha aí, coberto assim. Aí pegamo um bocado, lavei na tampa de coco e cheguei lá e falei: – “Seu Aloísio, o seu compra isso aqui? Pegou um bocado aqueles caroço, colocou em cima do barcão, e bateu aquele peso de um quilo: – “O que tiver lá pode trazer”, ele disse: – “Você arranjou isso aonde?”, eu falei: – “Tá dando na praia, rapaz”. Eu saí daqui pra lá, eu com meu irmão, nós saía, passava a tábua assim, ajuntava, eu vendi um bocado, fiz um bocado de coisa com aquilo ali. Lata de gás? Oxe...pegava nova, vinte, trinta latas assim. Chegava aqui e vendia a 40 mil réis cada uma.¹⁸⁴¹⁸⁵

4.2 MEDO E BLACKOUT

O medo é completamente natural, independente do tempo que o homem viva, ele sempre estará presente mesmo que de formas e intensidades diferentes. Sob o

¹⁸² Depoimento dado em 04 de junho de 2019, por Miguel Ferreira de Araújo, 86 anos.

¹⁸³ CARVALHO, Virgínia Mercês Guimarães. **Ex-combatentes do Brasil: entre História e a Memória (1945-2009)**. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

¹⁸⁴ Depoimento dado em 13 de outubro de 2019, por Laurindo dos Santos, 90 anos.

¹⁸⁵ Os “salvados de guerra” foram alvo de disputas entre a população que encontrava na praia e as autoridades. Para estes os produtos, principalmente a borracha, eram objetos importantes e deveriam ser entregues. Por isso emitem o decreto-lei nº 5629 que obriga a devolução da borracha e seus derivados ao Banco de Crédito da Borracha S.A., mediante uma indenização. As competências federais, estaduais e municipais davam suporte para a arrecadação e transporte, o ato de não entregar seria classificado como crime de segurança nacional e o acusado sujeito a penalidades. BRASIL. **Decreto-lei nº 5629**, de 30 de agosto de 1943. Dispõe sobre a arrecadação e venda de salvados constituídos por borracha e seus artefatos, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1943.

mesmo ponto de vista Delumeau conclui utilizando Sartre que todos sentem medo, aquele indivíduo que não o possui não é são, logo é indispensável contar com uma segurança, é a sustentação do ser humano com o intuito de estar em harmonia.¹⁸⁶

Os habitantes de cidades litorâneas baianas, principalmente aquelas em que involuntariamente foram envolvidas em um confronto global, como Valença e Cairu experienciaram o sentimento de medo e desconfiança aumentarem neste período. Primeiramente ao terem contato com os náufragos, ajudarem no socorro e serem testemunhas da investida nazista os nativos sentiram-se vítimas igualmente da “guerra submarina”.¹⁸⁷ A imagem dos feridos e do horror do ataque permeia a memória dos valencianos, o sr. Laurindo dos Santos ao conversar com o comandante de um dos navios teve dimensão da atrocidade:

Ele disse: – “Rapaz, deixei de comer cação, porque nego chegava e dizia: – “Me pegue aqui”, quando ele pegava pela mão pra puxar pra cima, o cação cortava embaixo e jogava o pedaço, o cação destruía tudo. Dizia que o peixe que ele mais gostava era cação, mas não comeu mais, porque tirou muito amigo da mão dele.”¹⁸⁸

O mar em outrora fonte de sustento e forma de deslocamento agora tinha outra conotação no imaginário popular, habita o medo de serem agredidos também. Bem como Moutinho salienta: “A crença no ‘grande mal’ à espreita no oceano tornou-se versão consensual no período”.¹⁸⁹ Portanto o temor de uma agressão aérea ou marítima acompanha os cidadãos de Valença entre 1942 e 1945.

Foto 9 – Vista panorâmica da praia de Guaibim, Valença-BA, [199-]



Fonte: Acervo pessoal de Joanna Guimarães Souza

¹⁸⁶ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 19.

¹⁸⁷ CRUZ, op. cit., p. 96.

¹⁸⁸ Depoimento dado em 13 de outubro de 2019, por Laurindo dos Santos, 90 anos.

¹⁸⁹ MOUTINHO, op. cit., p. 154.

O receio de uma ofensiva aérea pelo Eixo era preocupação do governo desde antes da entrada do Brasil no conflito, enquanto apenas havia rompido as relações diplomáticas. Em fevereiro de 1942, é elaborado o Serviço de Defesa Passiva Antiaérea através de um decreto-lei, as indicações deveriam ser cumpridas por todos sob pena e multa. Os civis deveriam seguir algumas obrigações: atender o alarme sonoro, deter meio para se defender individualmente, respeitar as ordens para fuga, apagar as luzes, entre outros.¹⁹⁰ Alguns homens e mulheres selecionados deveriam instruir os demais; fazer remoção dos intoxicados; prestar serviços de: enfermagem, observação do ar, combate de incêndios, limpeza, policiamento, construção de trincheiras e elaboração de abrigos de emergência.¹⁹¹

Em setembro de 1942, foi instituído o *blackout*¹⁹² em cidades litorâneas, metrópoles e na capital federal, com denominações iniciais de “apagão” a “escurecimento”.¹⁹³ A intenção era deixar as localidades apagadas para que não houvessem ataques de aviões do Eixo.

A recomendação era seriamente seguida pelos valencianos com apreensão: “E naquela época a guerra era toda desgraçada, já tinha luz em Valença, mas de noite todo mundo dormia de luz apagada, porque o avião... fazia por cima pra não bombardear lugar que é... se é claro é cidade, é lugar pra bombardear.”¹⁹⁴ O contexto era diferente de outras cidades, tal qual São Paulo, conforme Cytrynowicz revela, os moradores não viam uma ameaça, um risco e utilizavam o *blackout* para aproveitarem e verem o céu¹⁹⁵, muito destoante do que ocorria rotineiramente em Valença. Consoante a Delumeau, o historiador não necessita averiguar muito para reconhecer o medo nas memórias e nos comportamentos das pessoas.¹⁹⁶ “Durante a guerra todo mundo tinha medo, né?!”¹⁹⁷, o medo era real, coletivo e parte do cotidiano na cidade:

E na época a gente ficava, não sei se você sabe, aqui ninguém acendia luzes por medo de ser bombardeado, entendeu?! Era vela em cima da parede pra poder não clarear a casa toda e as luzes apagadas da rua. Naquela época era uma muriçoquinha de nada a luz, não era boa como hoje, mas mesmo

¹⁹⁰ BRASIL. **Decreto-lei nº 4.098**, de 6 de fevereiro de 1942. Define, como encargos necessários à defesa da Pátria, os serviços de defesa passiva anti-aérea. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1942.

¹⁹¹ *Ibidem*

¹⁹² O termo da língua inglesa – aportuguesado como *blecaute* – significa o corte temporário ou efetivo da energia elétrica de uma determinada localidade.

¹⁹³ PEDREIRA, Flávia de Sá. Causas da guerra: o cotidiano do trampolim da vitória. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira et al (org.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. p. 393-416, p. 401.

¹⁹⁴ Depoimento dado em 13 de outubro de 2019, por Laurindo dos Santos, 90 anos.

¹⁹⁵ CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 264.

¹⁹⁶ DELUMEAU, op. cit., p. 21.

¹⁹⁷ Depoimento dado em 08 de setembro de 2019, por Joanna Guimarães Souza, 80 anos.

assim era tudo apagado.¹⁹⁸

Segundo Delumeau o medo ao ser coletivo pode levar os seres humanos a terem comportamentos desordenados, nos quais a concepção precisa da veracidade é suprimida.¹⁹⁹ Por isso diante de uma ameaça, nessa intensidade nunca presenciada em nenhum momento até então, os brasileiros concluem que estrangeiros, traidores, informantes, a quinta-coluna²⁰⁰, poderiam estar contribuindo para os ataques de torpedeamentos e outros a serem planejados.

Conseqüentemente estrangeiros vindos, principalmente de nações integrantes do Eixo, vão ser considerados perigosos e traiçoeiros, sofrendo uma grande perseguição tanto da própria população, quanto do governo de Getúlio Vargas.

Para Ângela Gomes, a imigração passou por uma política nacional de proteção ao trabalho durante o período que Vargas esteve no poder. Ao contrário do que era feito, com o incentivo a vinda de imigrantes, desde o começo da década de 30, o presidente presumiu que as conseqüências de um fluxo imigratório não seriam positivas para o país. Especialmente, pois havia a indispensabilidade de valorizar a mão de obra local e o êxodo rural estava em crescimento, com trabalhadores direcionando-se para o espaço urbano. Em vista disso era necessário haver uma política de contenção da imigração.²⁰¹

Vargas como habitualmente apoia-se na sua máquina estatal e utiliza a legislação como forma de controle social, emite diversos decretos-leis na intenção de coibir a entrada de estrangeiros e também fazer com que diversas instituições intensificassem o seu nacionalismo e patriotismo. Em 1930, é proibida a entrada por um ano de estrangeiros de terceira classe e todos os empregadores deveriam obrigatoriamente ter, no mínimo, 2/3 de brasileiros natos entre seus empregados.²⁰²

¹⁹⁸ Depoimento dado em 27 de agosto de 2018, por Anatalia Correia, 90 anos.

¹⁹⁹ DELUMEAU, op. cit., p. 20.

²⁰⁰ Termo atribuído, na época, para uma pessoa ou grupo brasileiro que ajudava o Eixo através de informações, espionagem, propaganda ou difundindo boatos. A versão mais aceita para o surgimento é do período da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando Francisco Franco (líder do golpe) antes de marchar sobre Madrid disse que em pouco tempo a cidade teria cinco colunas, um militar o questionou qual seria a quinta, pois o exército que eles mandaram só tinha quatro colunas, Franco retrucou afirmando que a quinta-coluna já estava em Madrid trabalhando para eles. Assim dava a entender que elementos infiltrados estavam apoiando a operação. MACHADO FILHO, Brasílio. Quinta-colunismo. **O Município**, Valença, 12 de maio de 1945, p. 4.

²⁰¹ GOMES, Ângela de Castro. **Ideologia e trabalho no Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 53-72; p. 67-68.

²⁰² BRASIL. **Decreto-lei nº 19.482**, de 12 de dezembro de 1930. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1931.

Com a instituição do Estado Novo, surge a Campanha de Nacionalização, com o intuito de reduzir a influência dos grupos étnicos estrangeiros no Brasil – basicamente o italiano e alemão – e os integrar a partir de um processo nacionalizador.

Em 1939, os órgãos de todas as esferas deveriam a “adaptar” os estrangeiros e seus descendentes através o ensino e uso da língua vernácula e instrução sobre a história do Brasil. E era uma atribuição do Ministério da Educação e Saúde fiscalizar se as escolas estavam educando com o português e sobre a história e geografia brasileira. Porém o maior impacto foi o veto do uso de outras línguas em repartições públicas e nos quartéis.²⁰³

O significado simbólico da língua vernácula e o papel atribuído à educação nos processos assimilacionistas alimentaram a ênfase na nacionalização cultural, embora a defesa do Estado incluísse o expurgo das influências externas (onde a referência básica eram o nazismo e o fascismo) e a nacionalização econômica.²⁰⁴

Existiam escolas no Brasil, sobretudo na Região Sul, que possuíam um sistema escolar teuto-brasileiro. Por isso após a obrigatoriedade do ensino em português e outros apontamentos intervencionistas pelas interventorias e o governo federal muitas tiveram que encerrar suas atividades, como aponta Seyferth.²⁰⁵ E ainda ocorria a fiscalização e denúncias daquelas que não cumpriam com a legislação, o Diário da Bahia denunciou o Colégio Alemão em Salvador²⁰⁶ que não estava respeitando a lei de nacionalização do ensino:

[...] a ultima festa realizada ali foi feita em desobediencia ás leis do ensino constando no programa organizado, varias declamações inclusive hinos, etc, tudo em idioma teuto!

Nesse particular, o Professor Gustavo Santos não demonstrou o seu espirito de brasilidade, tanto assim, que na ocasião do encerramento da solenidade fez se esquecer do hino nacional que obrigatoriamente devia ser entoado pelos alunos do referido colegio, cuja maioria é de filhos de brasileiros.²⁰⁷

A situação dos imigrantes e descendentes torna-se pior após os torpedeamentos ocorridos ao longo de 1942. Inicialmente os alemães, japoneses e

²⁰³ BRASIL. **Decreto-lei nº 1.545**, de 25 de agosto de 1939. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Rio de Janeiro, 28 de julho de 1939.

²⁰⁴ SEYFERTH, Giralda. **Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 199-228; p. 219.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 220.

²⁰⁶ Salvador já teve algumas instituições de ensino teuto-brasileiras: Escola de Franz Joseph Bokel (1869), Escola de Heinrich Burkhard (1860), Colégio Alemão Coração de Maria (1868), Colégio Alemão (1921), este último sediado no Corredor da Vitória. VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador: transformações e permanências (1549-1999)**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 359. BARRETO, Maria Renilda Nery; ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 151-172, jan./abr. 2003, p. 153.

²⁰⁷ **DIÁRIO DA BAHIA**, Salvador, 18 de dezembro de 1940, p. 8.

italianos deveriam ser responsabilizados pelo afundamento e prejuízo do navio Taubaté, e depositado uma quantia no Banco do Brasil afim de reparar o Estado.²⁰⁸

Na Bahia, onde ocorreram dois torpedeamentos emblemáticos em agosto de 1942, o ódio contra indivíduos do Eixo aumentou enormemente. O interventor daquele momento Landulfo Alves em pronunciamento afirmou:

Os cuidados com a defesa da ordem, com a preservação das nossas instituições contra golpes traiçoeiros ou ostensivos que possam surgir, são dever elementar de cada brasileiro, nesta fase, como na de guerra a que a Nação possa ser levada. Não se deve considerar delação qualquer denúncia que traga ao conhecimento da autoridade, fatos prejudiciais à ordem pública. Ao contrário, cada cidadão se deve constituir num guarda, sempre vigilante, sempre atento na defesa de todo o interesse da comunhão brasileira. Não lhe assiste mesmo o direito de transitar, nesse terreno, nem com o mais íntimo amigo, de vez que ninguém lhe pode merecer maior consideração do que a própria pátria. Assim ofereceremos ao inimigo, que se nos apresenta, qualquer que ele seja, barreira intransponível à sua ação que, velada ou manifesta, será anulada pela coesão, consciente e integral dos brasileiros.²⁰⁹²¹⁰

Assim todos deveriam estar em constante alerta sobre qualquer movimentação suspeita de todos, principalmente os estrangeiros. Devido a isso estabelece-se na Bahia praticamente uma perseguição contra os imigrantes oriundos de países do Eixo. Em Valença, logo após a chegada dos naufragos, o italiano Daniel Mazzei, vai até o periódico “O Município” afirmar que mesmo sendo imigrante há anos mora no Brasil, constituiu família e ama o país.²¹¹

[...]

E nessa hora de graves apreensões para o Brasil, Patria de sua adoração, não pode deixar de compartilhar com as suas dôres e sofrimentos, e porisso vem prestar o juramento de sua inteira fidelidade ao Brasil como tributo de sua imorredoura gratidão pelos bens recebidos.

Valença, 20 de Agosto de 1942.

*Daniel Mazzei*²¹²

A atitude do mesmo em ir até a imprensa declarar amor ao Brasil, que é fiel e não seria o responsável pelo ato mostra que os estrangeiros da cidade e do Brasil sentiam receio de uma represália unicamente por serem de outro país.

Tabela 7 – Nacionalidade dos estrangeiros residentes em Valença (1940)

Itália	Espanha	Portugal	Síria
--------	---------	----------	-------

²⁰⁸ BRASIL. **Decreto-lei nº 4.166**, de 11 de março de 1942. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Rio de Janeiro, 12 de março de 1942.

²⁰⁹ SILVA, Maria Helena Chaves, op. cit., p. 165.

²¹⁰ O próprio Landulfo Alves foi vítima da suspeição generalizada, culminando na sua saída de Interventoria, com a acusação pelos opositores de ser um traidor por sua mulher ter origem alemã.

²¹¹ **O MUNICIPIO**, Valença, 22 de agosto de 1942, p. 2.

²¹² Ibidem

Fonte: Adaptado de IBGE (1940)

A apreensão de Daniel Mazzei era válida visto que na região ocorreram outros episódios de xenofobia. Em Cairu, 4 frades alemães que faziam parte do convento franciscanos são presos em 1942, acusados de serem traidores e de “disseminarem entre o povo daquela região o veneno da doutrina hitlerista”.²¹³ Pouco depois o inquérito policial contra os frades é finalizado,²¹⁴ todavia mostra que até mesmo em pequenas cidades com Cairu, prisões e acusações eram realizadas.

Essas denúncias eram comuns em Valença contra estrangeiros e a quinta-coluna, e os habitantes lembram-se da perseguição: “Quando o Brasil ganhou a guerra, as pessoas de Valença fizeram um mutirão e quebraram a casa dele a pedradas.”²¹⁵ Um artigo veiculado no periódico da cidade, afirma que na cidade existia simpatizantes do nazifascismo desde quando a guerra tinha começado e que acompanhavam as notícias pelo rádio, quando estas eram positivas em seu favor comemoravam publicamente.²¹⁶

“As identidades dos grupos humanos, a sensação de pertencimento a um grupo se dá, em grande medida, através da emulação da disputa e competição com um outro, que aprece como o estranho, o estrangeiro, a ameaça, o perigo, o inimigo.”²¹⁷ Do ponto de vista do povo e do governo estadonovista, a xenofobia, a aversão ao estrangeiro, de certa maneira, faziam parte de um ideal nacionalista. Ao perseguirem os imigrantes definiam sua identidade como uma nação coesa e unida em prol do desenvolvimento durante a guerra.

Com a preocupação generalizada contra os estrangeiros, as prisões de indivíduos de determinadas nações vão ser notórias, grande parte motivada pela suspeita de traição ou espionagem.²¹⁸ “Todos os patriotas devem estar de atalaia, atentos à ação dos estrangeiros suspeitos e dos nacionais integralistas. Esse é um dever de todos. [...] A quinta-coluna está agindo. É necessário esmagar a quinta-

²¹³ SAMPAIO, op. cit., p. 7.

²¹⁴ MOUTINHO, op. cit., p. 57.

²¹⁵ GALVÃO, Araken Vaz. **Valença**: memória de uma cidade. [s.l.]: [s.n.], 1999, p. 126.

²¹⁶ TITO. O que eles deveriam ter dito. **O Município**. Valença, 19 de maio de 1945, p. 4.

²¹⁷ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

²¹⁸ Os “eixistas” moradores de Salvador e regiões litorâneas foram obrigados a se deslocar para o interior do estado em cidades como Caetitê e Maracás. Cf. SILVA, Maria Helena Chaves, op. cit., p. 169-176.

coluna! E a polícia não dorme.”²¹⁹

Tabela 8 – Prisões realizadas na Bahia (janeiro e fevereiro de 1943)

Alemães	Italianos	Brasileiros	Austríacos	Japonês	Húngaro	Alemã naturalizada
155	10	9	2	1	1	1

Fonte: SILVA (2007, p.164)

A imprensa baiana impulsionava a perseguição contra “os traidores”, as exposições antifascista dos jornais de Salvador falavam sempre de uma ameaça da quinta-coluna grupo que poderia ser composto por integralistas, fascistas e imigrantes.²²⁰ “O Município” em uma edição traz uma explanação sobre o significado do termo quinta-coluna e quem eram os que se encaixavam nesta denominação. Acusava adeptos das ideias nazifascistas e principalmente os integralistas, que na concepção do autor era a mesma coisa de ser uma nazista ou fascista. E pedia para que a população valenciana não se enganasse com a ideologia e os discursos provenientes da quinta-coluna.²²¹

[...]

Quinta-coluna é ser integralista, que é o mesmo que ser nazista ou fascista, portanto, inimigo do povo e da inteligência. Quinta-coluna é ser fanático, é adorar «deuses nazistas» que, felizmente, estão caindo podres e desmoralizados dos altares da ditadura.²²²

4.3 E A COBRA FUMOU²²³

*Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro, do engenho
[...]
Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que leve por divisa
Êsse V que simboliza
A vitória que virá, [...].²²⁴*

Com a declaração do estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália em

²¹⁹ AMADO, op. cit., p. 149.

²²⁰ SILVA, Raquel Oliveira. **A imprensa baiana e o americanismo na guerra contra o Eixo (1942-1945)**. 2018. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018, p.274.

²²¹ **O MUNICÍPIO**, Valença, 12 de maio de 1945, p. 4.

²²² Ibidem.

²²³ O slogan utilizado pela FEB tem origem na provocação feita na época ao desacreditarem que o Brasil enviaria tropas para lutar, sendo mais fácil uma cobra fumar. Todavia a FEB vai para Europa e utiliza a expressão, o emblema de uma cobra fumando como brasão bordado no uniforme e edita um periódico chamado “E a cobra fumou”!, até mesmo Walt Disney faz uma ilustração do símbolo contendo também dois revólveres na mão do animal.

²²⁴ Canção do Expedicionário, autoria de Guilherme de Almeida e música de Spartaco Rossi. **CARIOCA**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 471, 14 out. 1944, p. 52.

1942, houve a constante dúvida ao decorrer dos anos se o Brasil iria enviar tropas para batalhar nos *fronts* europeus. A ideia de ir para a guerra e arriscar a sua vida era vista diferentemente na região valenciana, ao contrário do que acontecia em Salvador e outras grandes cidades, existia uma preocupação dos pais e dos próprios jovens. “As mães ficaram em desespero com a preocupação, o medo da guerra.”²²⁵

Que tinha muito choro, tinha, aquelas famílias não tinham vontade que seus jovens fossem.

Muitos andavam atrás das autoridades para ver se isentavam aqueles jovens de seguir, não me lembro que tivesse aquela vontade de seguir não, a maioria queria se dar por doente ou queria conversar, queria arranjar proteção daqueles que tinham cargos maiores pra ver se isentava, viu?!

O Brasil demorou um certo tempo para decidir combater na Europa, no começo de 1943, em um encontro com o presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt em Natal e Vargas surgiu a ideia da criação de força militar.²²⁶ O Brasil e suas forças necessitavam de um aparelhamento e treinamento para ingressarem em uma grande guerra. Por isso os estadunidenses auxiliaram o Brasil enviando material bélico e diversos oficiais foram fazer treinamento no país. Em agosto de 1943, através de uma Portaria Ministerial é estruturada a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

O ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, através de um aviso em 5 de janeiro de 1944, afirmou que os jovens poderiam ingressar voluntariamente.²²⁷ Imediatamente muitos voluntários foram se apresentar nas regiões militares, todavia a maioria dos integrantes da FEB eram convocados. Recebiam a convocatória através dos jornais ou então por um aviso que chegava em suas residências.

As turmas selecionadas deveriam se apresentar em quartéis determinados, em suas Regiões Militares. [...] Estes homens, além de jovens (a média era de 20 anos), vinham muitos de cidades do interior e possuíam baixo grau de instrução [...].

[...]

Haveria uma predominância de indivíduos com baixo grau de instrução, reflexo da sociedade brasileira da época.²²⁸

Valença teve alguns homens que ingressaram na FEB, como o expedicionário Antônio Lessa Soares, este foi convocado mesmo contrariando a vontade de sua família e a dele. Sua irmã afirma que todos os seus familiares ficaram nervosos, mas tiveram que acatar, pois caso se recusasse seria tratado como desertor.²²⁹

Ele disse que os pais dele, ele foi convocado, e disse que seu Mizael Soares

²²⁵ Depoimento dado em 04 de junho de 2019, por Miguel Ferreira de Araújo, 86 anos.

²²⁶ FALCÃO, op. cit., p. 211.

²²⁷ Ibidem, p. 214.

²²⁸ MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front**: relatos de guerra de veteranos da FEB. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 34.

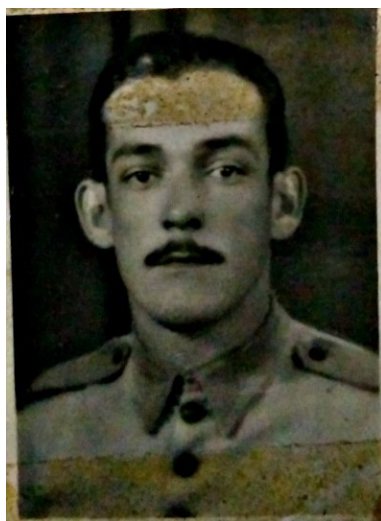
²²⁹ GALVÃO, op. cit., p. 328.

disse assim: – “Olha... não vou deixar meu filho ir”, isso tudo escondido da mãe, – “Eu vou arranjar uma casa lá no alto ... e esconder ele”, aí a notícia correu, – “Se esconder vai ser pior que quando achar ele vai preso, não sai mais.” Disseram isso: – “Meu filho pra ser preso, eu prefiro que ele vá.”, aí arrumou tudo, mas aí a mãe dele, mas tinha Odilon também, Odilon foi convocado não. A mãe dele não sabia, nunca soube que ele tinha ido pra guerra.²³⁰

A decisão de não comunicar a mãe de Antônio pela família se deu pelo risco notório que havia em ir combater, em pegar armas na Europa. A alternativa encontrada foi dizer que tinha sido convocado, mas não tinha ido viajar, continuava em uma base localizada em Salvador. “As cartas vinha do lugar que ele estava e que podia escrever, botava e aí botavam em outro envelope e mostravam a mãe aonde é que ele tava, que ele estava passando bem... em Salvador, que tinha ido no Rio, que tinha ido em São Paulo.”²³¹

A trajetória de Antônio Lessa até a Itália foi longa, primeiramente saiu de Valença para Salvador, depois para o Rio de Janeiro onde ficou por alguns meses para receber treinamento, transferido para Caçapava (SP) e depois partiu para solo italiano.

Foto 10 – Expedicionário Antônio Lessa Soares, 1943



Fonte: Arquivo pessoal de Anete Rodrigues Soares

O cotidiano dos pracinhas na Itália era algo totalmente diferente do que estavam habituados anteriormente. Sobretudo por muitos serem do interior e com ocupações distintas. O novo clima – muito mais frio do que no Brasil, contato com novos povos e culturas, e até mesmo a alimentação foram fatores marcantes para os

²³⁰ Depoimento dado em 08 de setembro de 2018, por Anete Rodrigues Soares (viúva de Antônio Lessa Soares), 80 anos.

²³¹ Depoimento dado em 08 de setembro de 2018, por Anete Rodrigues Soares (viúva de Antônio Lessa Soares), 80 anos.

combatentes. Inicialmente a ração dada era de acordo com a estadunidense, posteriormente foi alterada e acrescida de arroz, feijão e mandioca, alimentos comuns para os brasileiros. “Muitas coisas ele sofreu bastante lá, porque diz que pra alimentar era comida horrível, tudo, finalmente aquele veio... porque Deus mandou ele vir. Mas se não fosse isso ele não vinha não, não escapava não.”²³² A eventualidade que causou a vinda de Antônio e do outro valenciano Antenor Alcântara se deu durante a batalha para tomada de *Monte Castello*.

A batalha que envolveu tropas do Brasil e os Estados Unidos contra as alemãs teve um significado importante para a FEB e tornou-se um símbolo. O objetivo era não deixar que o Eixo chegasse até o norte italiano, com algumas tentativas frustradas, a conquista se deu depois de 3 meses de combate (entre novembro de 1944 e fevereiro de 1945) e mais de 400 baixas brasileiras.

Segundo a depoente Anete Soares ambos caíram de um tanque entre o final de 1944 e o início de 1945, Antônio machucou o braço e Antenor a perna, sendo hospitalizados, posteriormente levados para os EUA e trazidos de volta para o Brasil quando o conflito já havia sido encerrado. Quando Antônio chegou em Valença, alguns integrantes do Tiro de Guerra foram até o cais da cidade para recebê-lo e houve ainda uma missa em ação de graças promovida pelas irmãs na Igreja da Matriz.²³³ “Ele só não queria mais vestir coisa de farda (risos), ele ficou apavorado e não queria, então ele foi assim (aponta pra própria roupa) à vontade, à paisana. E teve muito choro, muita coisa da família e tal.”²³⁴

Porém depois das comemorações da chegada dos expedicionários, das passeatas e desfiles, ocorreu o esquecimento destes homens. “[...] sem glamour, sem festas e paradas em avenidas centrais. Uma outra guerra se iniciava, mas silenciosa.”²³⁵ A FEB foi rapidamente desmobilizada, antes mesmo de chegar ao Brasil, os expedicionários foram proibidos de usarem seu uniforme ou elementos que remetesse a FEB.

A inserção no mercado de trabalho já seria naturalmente prejudicada, pois maioria dos soldados possuía baixo grau de instrução. Os que já possuíam empregos, pela legislação da época, teriam o retorno a estes garantido, mas nem sempre isso funcionou, pois os veteranos passaram a ser estigmatizados. A guerra não traria apenas seqüelas físicas, criaria também

²³² Depoimento dado em 08 de setembro de 2018, por Anete Rodrigues Soares (viúva de Antônio Lessa Soares), 80 anos.

²³³ Depoimento dado em 08 de setembro de 2019, por Joanna Guimarães Souza, 80 anos.

²³⁴ Depoimento dado em 10 de setembro de 2018, por Anete Rodrigues Soares (viúva de Antônio Lessa Soares), 80 anos.

²³⁵ MERON, op. cit., p. 141.

sérios traumas psicológicos [...].²³⁶

Os pracinhas foram deixados de lado após um período, além dos problemas financeiros enfrentados por eles, haviam os psicológicos. Muitos não conseguiram se reintegrar no mercado de trabalho ou constituir família em decorrência dos traumas adquiridos com a guerra.

Disse que matava uns e outros, e não sabia o que era e quando chegava de manhã os que estavam vivo enterrava os que estavam mortos, não procuravam caixão, fazia... não sei se era verdade ou mentira, ele dizia esse negócio todo. Ele ficou com muita neurose de guerra.²³⁷

Antônio Soares evitava falar sobre o que viu na guerra, mesmo que isso aguçasse a curiosidade dos valencianos. “Algumas vezes falava sobre o sofrimento na guerra e dos vários amigos mortos, [...] chegou aqui detestando falar de guerra. Dizia que era por que os estrondos das bombas voltavam aos seus ouvidos e, por isso, não queria tocar nesse assunto.”²³⁸

Depois o empenho era conseguir o direito a receber pensões e/ou assistência médica. Assim surgem as associações de veteranos para lutar por estes benefícios e para servir como um local de ajuda mútua. No caso de Antônio, apenas em 1965, começou a receber pensão, depois de 20 anos que a guerra tinha terminado.

Mas ele pra receber... ele pra poder, pra receber a reforma, que nesses negócio se chama reforma, ele levou ainda 20 anos pra poder ser reformado, pra poder receber... que não é brincadeira não, uma pessoa ir pra guerra, derramar seu sangue por lá, pelos brasilei- pelo Brasil, pela pátria e... eles lá ainda ter a coragem de levar 20 anos pra dar a reforma a um homem desses.²³⁹

²³⁶ MERON, op. cit., p. 143.

²³⁷ Depoimento dado em 08 de setembro de 2018, por Anete Rodrigues Soares (viúva de Antônio Lessa Soares), 80 anos.

²³⁸ GALVÃO, op. cit., p. 330.

²³⁹ Depoimento dado em 10 de setembro de 2018, por Anete Rodrigues Soares (viúva de Antônio Lessa Soares), 80 anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito bélico que se iniciou na Europa, distante a milhares de quilômetros do Brasil. Mesmo com toda a distância, acarretou impactos diretos nas atividades cotidianas e econômicas brasileiras, como no município litorâneo de Valença-BA.

A influência estadunidense na política do país foi essencial para o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo. Assim a Alemanha e a Itália através de suas frotas de submarinos passam a atacar os navios nacionais, inicialmente na costa estadunidense, mas depois adentram o território brasileiro, ocasionando a morte de diversas pessoas que utilizavam o transporte marítimo – um dos mais usuais da época. As 21 embarcações afundadas e os 743 mortos, além da pressão interna e externa, fazem com que o Brasil declare estado de beligerância contra o Eixo em 22 de agosto de 1942.

O estado da Bahia foi local de algumas incursões do submarino alemão U-507, assim o contexto bélico motiva os baianos a participar ativamente da política e das expressões públicas contra os países do Eixo, os torpedeamentos e as repercussões do conflito bélico entre 1942 e 1945.

Os torpedeamentos do Itagiba e o Arará em Valença e o próprio estado de guerra são fatores determinantes para a população valenciana manifestar-se de diversas maneiras até o final da guerra. A partir de 17 de agosto de 1942, os protestos e comícios são realizados regularmente na cidade. Mostrando que os habitantes locais atingidos pela guerra desejavam que o país entrasse e posteriormente continuasse com os Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Os ataques do U-507 mostraram a cidade que a guerra estava muito mais próxima do que eles imaginavam, e as consequências são claras no cotidiano de Valença entre 1942 e 1945. O mar visto como fonte de renda, subsistência e deslocamento agora é visto com apreensão pela possibilidade novos torpedeamentos pelos submarinos do Eixo. As dificuldades econômicas acarretadas por este problema e pelo aumento do preço de vida tornam complexas as condições socioeconômicas dos valencianos.

A mídia valenciana composta por dois periódicos: “O Município”, dirigido por Samuel Lacerda e o “Valença Oficial” atrelado ao poder municipal vinculavam em suas páginas notícias sobre a guerra dentro de um contexto nacional e internacional, além de informações sobre as manifestações ocorridas dentro da cidade.

Os estrangeiros e descendentes da Itália que moravam em Valença na época foram perseguidos e inferiorizados por sua condição de imigrantes de um país que estava em guerra com o Brasil. Grande parte da suspeição e desconfiança de espionagem recai sobre esses indivíduos que tiveram seus bens confiscados e foram vigiados atentamente.

Assim durante o período em que o Brasil esteve em estado de beligerância contra os países do Eixo, principalmente em decorrência de Valença ser uma das cidades da Bahia mais atingidas por este quadro, os moradores manifestaram-se efetivamente e participaram no *front interno* com as campanhas promovidas e com o envio de expedicionários para o combate com as tropas dos países inimigos na Itália.

Alguns elementos do cotidiano valenciano da época fazem parte da memória sobre a guerra na cidade: as campanhas, esforços de guerra, protestos, comícios e até mesmo as adversidades decorrentes do conflito. A relação entre Valença e a Segunda Guerra Mundial está presente na memória dos habitantes, até por ser um dos fatos históricos mais rememorados sobre a história da cidade. O tema desperta a curiosidade dos habitantes e tem um potencial de pesquisa para serem abordados diversos outros aspectos.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos de periódicos, teses, dissertações e TCC's

AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o à Brasil a guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia.** São Paulo: Cortez, 2007.

AMADO, Jorge. **Hora da Guerra: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARRETO, Maria Renilda Nery; ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 151-172, jan./abr. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos.** 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CARONE, Edgar. **O estado novo: 1937-1945.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

CARTILHA Histórica da Bahia: a República e seus governadores. 3. ed. Salvador: Editora Continente, 1981.

CARVALHO, Virgínia Mercês Guimarães. **Ex-combatentes do Brasil: entre História e a Memória (1945-2009).** 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A Guerra do Atlântico na costa do Brasil”:** rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). 2017. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra: **A mobilização e cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

DAVIN, Thiago Henrique Carvalho. **O “front interno” são-joanense durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).** 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2017.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada.**

5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FALCÃO, João. **O Brasil e a 2ª. Guerra**: testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília: UNB, 1999.

FERREIRA, Jorge. Mortes no mar, dor na terra. Brasileiros atingidos pelo ataque do submarino alemão U-507 (agosto de 1942). **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 275-288, 5 jun. 2017.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. O integralismo na imprensa da Bahia: o caso de O Imparcial. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p.53-86, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, Raquel França dos Santos. Uma história da Campanha Nacional da Aviação (1940-1949): o Brasil em busca do seu 'Brevê'. **Revista Cantareira**, Niterói, n. 17, p.75-86, jul.-dez. 2012.

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**: século XX São Paulo: Ática, 1995.

GALVÃO, Araken Vaz. **Valença**: memória de uma cidade. [s.l.]: [s.n.], 1999.

GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. **Caravelle**: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, Toulouse, nº 73, 1999.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONG e terceiro setor: **Revista Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p.11-40, jan. 2000.

GOMES, Ângela de Castro. **Ideologia e trabalho no Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 53-72.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multitude**: war and democracy in the age of empire. Nova York: Penguin Books, 2004.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGRAEFE, Renata Paltrinieri. **Capitães da Areia, um estudo comparado entre os Amados - literatura e cinema em diálogo**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, USP, São Paulo.

ICKES, Scott. Era das Batucadas: O Carnaval baiano das Décadas 1930 e 1940. **Afro-Ásia**, Salvador, nº. 47, p. 199-238, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MAGALHÃES, Fabiano Rosa de. As Manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política. **Pensamento Plural**, Pelotas, v. 1, n. 12, p. 7-35, jan./jun. 2013.

MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front**: relatos de guerra de veteranos da FEB. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-42. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 177-189, jan. 1993.

MOUTINHO, Augusto César Machado. **A sombra da guerra**: o medo e a sobrevivência em um povoado baiano durante a Segunda Guerra Mundial. Salvador: Quarteto, 2005.

MULLER, Cintia Beatriz. **Teoria dos movimentos sociais**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

PEDREIRA, Flávia de Sá. Carnaval em Tempos de Guerra. **Projeto História**, São Paulo, n. 28, p.59-79, jun. 2004.

_____. **Chiclete eu misturo com banana**: cotidiano de guerra em Natal 1920-1945. 2004. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **Cousas da guerra**: o cotidiano do trampolim da vitória. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira et al (org.). O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. p. 393-416.

PRIORE, Mary Del. **Histórias do cotidiano e da vida privada**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PUREZA, Fernando Cauduro. **Economia de guerra, batalha da produção e soldados-operários**: o impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos trabalhadores de Porto Alegre (1942-1945). 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

QUADROS, Luana Moura. **“Farinha pouca, meu pirão primeiro”**: Carestia na Bahia Republicana (1937-1945). 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RISÉRIO, Antônio. **Adorável Comunista**: História política, charme e confidências de

Fernando Sant'Anna. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2002.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**: A História do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SEYFERTH, Giralda. **Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 199-228.

SILVA, Marina Helena Chaves. **Vivendo com o outro**: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial. Tese de Doutorado em História. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2007.

SILVA, Paulo Sérgio da; CHAGAS, Honorato C.. A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: primeiros movimentos (1942-44). Albuquerque: **Revista de História**, Aquidauana, v. 8, n. 15, p.108-128, jan.-jun. 2016.

SILVA, Raquel Oliveira. **A imprensa baiana e o americanismo na guerra contra o Eixo (1942-1945)**. 2018. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia**. 11. ed. São Paulo: UNESP, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil**: o Estado Novo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. (Volume 5)

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador**: transformações e permanências (1549-1999). 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016.

VIEIRA, Ana Paula Leite. **O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)**. 2019. 248 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Sites

BRASIL. IBGE. **Monografias Municipais**: Valença. 2017. 32 p. Disponível em: <biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2980/momun_ne_ba_valenca.pdf>.

Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

BRASIL. IBGE. **Valença**. 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/valenca/panorama>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **A Bahia na Segunda Guerra Mundial**. 2011. Disponível em: academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2011/09/16/a-bahia-na-segundaguerra-mundial>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Fontes

Fontes Orais

- Anatólia Correia, 90 anos, residente em Valença. Entrevista em 27 de agosto de 2018. Duração: 61 minutos.
- Anete Rodrigues Soares, residente em Valença. Entrevista em 08 e 10 de setembro de 2018. Duração: 52 minutos.
- Ceres Marques Nunes Ameno, residente em Salvador, nascida em Valença. Entrevista em 15 de setembro de 2018. Duração: 80 minutos.
- Enerina de Conceição Carvalho, 90 anos, residente em Valença. Entrevista em 3 de setembro de 2018. Duração: 30 minutos.
- Joanna Guimarães Souza, 80 anos, residente em Valença. Entrevista em 08 de setembro de 2018. Duração: 34 minutos.
- Laurindo dos Santos, 90 anos, residente no Guaibim. Entrevista em 13 de outubro de 2019.
- Miguel Ferreira de Araújo, 86 anos, residente em Valença. Entrevista em 4 de junho de 2019. Duração: 30 minutos.
- Mustafá Rosemberg de Souza, 94 anos, residente em Valença. Entrevista em 18 de maio de 2019. Duração: 50 minutos.
- Valdemar Pereira, 90 anos, residente no distrito do Guaibim. Entrevista em 13 de outubro de 2019. Duração: 20 minutos.

Acervo Virtual do Planalto

- Decreto-lei nº 4.639, de 31 de agosto de 1942.
- Decreto-lei nº 4.868, de 23 de outubro de 1942.
- Decreto-lei nº 4.937, de 09 de novembro de 1942.
- Decreto-lei nº 869, de 18 de novembro de 1938
- Decreto-lei nº 1607, de 16 de setembro de 1939.
- Decreto-lei nº 1641, de 29 de setembro de 1939
- Decreto-lei nº 4270, de 17 de abril de 1942.
- Decreto-lei nº 2.162, de 1 de maio de 1940.
- Decreto-lei nº 5977, de 10 de novembro de 1943.
- Decreto-lei nº 5629, de 30 de agosto de 1943.
- Decreto-lei nº 4.098, de 6 de fevereiro de 1942.
- Decreto-lei nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930.
- Decreto-lei nº 1.545, de 25 de agosto de 1939.

- Decreto-lei nº 4.166, de 11 de março de 1942.

Arquivo Nacional

- Foto 1. Fundo Correio da Manhã. BR RJANRIO PH.0.FOT.8252.

Arquivo Pessoal de Joanna Guimarães Souza

- O Município (1942)

Arquivo Público Municipal de Santo Antônio de Jesus

- O Paladio (1942;1945)

Associação Baiana de Imprensa

- Revista Unica (1941;1943)

Biblioteca Central do Estado Da Bahia

- Diário da Bahia (1940;1945)

- Estado da Bahia (1942)

- O Imparcial (1943)

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira

- A Noite (1943)

- Anuário do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) da Bahia (1943)

- Boletim da Cooperativa Central dos Cacaucultores Bahianos (1942-1943)

- Carioca (1944)

- Correio da Manhã (1942)

- Diário da Noite (1942)

- Diário de Notícias (1941)

- Diário de Pernambuco (1941;1945)

- O Cruzeiro (1944)

- O Jornal (1942)

- Revista Marítima Brasileira (1997)

Biblioteca Virtual do IBGE

- Recenseamento Geral do Brasil 1940: Censo Demográfico – Série Regional, Parte XII, Tomo I

CPDOC/FGV

- Carta de Franklin Lins de Albuquerque a Geraldo Rocha comentando a receptividade dos baianos à nomeação de Landolfo Alves para interventor da Bahia. (Vol. XXIX/37a) Arquivo: Getúlio Vargas, série c, 25/03/1938.

- Carta de Franklin Lins de Albuquerque a Getúlio Vargas denunciando o interventor

da Bahia, Landulfo Alves, por sua atuação contrária as orientações do governo federal favorecendo os elementos da oposição. Bahia (Vol. XXX/29). Arquivo Getúlio Vargas, série c, 28/08/1938.

- Carta de Landulfo Alves de Almeida a Getúlio Vargas informando a situação econômica e financeira que encontrou na Bahia e expondo as razões de seu rompimento com Geraldo Rocha. (Vol. XXIX/64). Arquivo: Getúlio Vargas, série c, 28/04/1938.

- Carta de Vasco Leitão da Cunha para o ao ministro da Justiça Francisco Campos sobre o rompimento das relações do Brasil com o Eixo, 1941. (VLCs 1941.03.25)

- Correspondência de Getúlio Vargas respondendo ao pedido de exoneração de Landulfo Alves. (Vol. XXXIX/30). Arquivo Getúlio Vargas, série c, 20/11/1942.

- Correspondência de Landulfo Alves pedindo exoneração do cargo de interventor a Getúlio Vargas. (Vol. XXXIX/27). Arquivo Getúlio Vargas, série c, 17/11/1942.

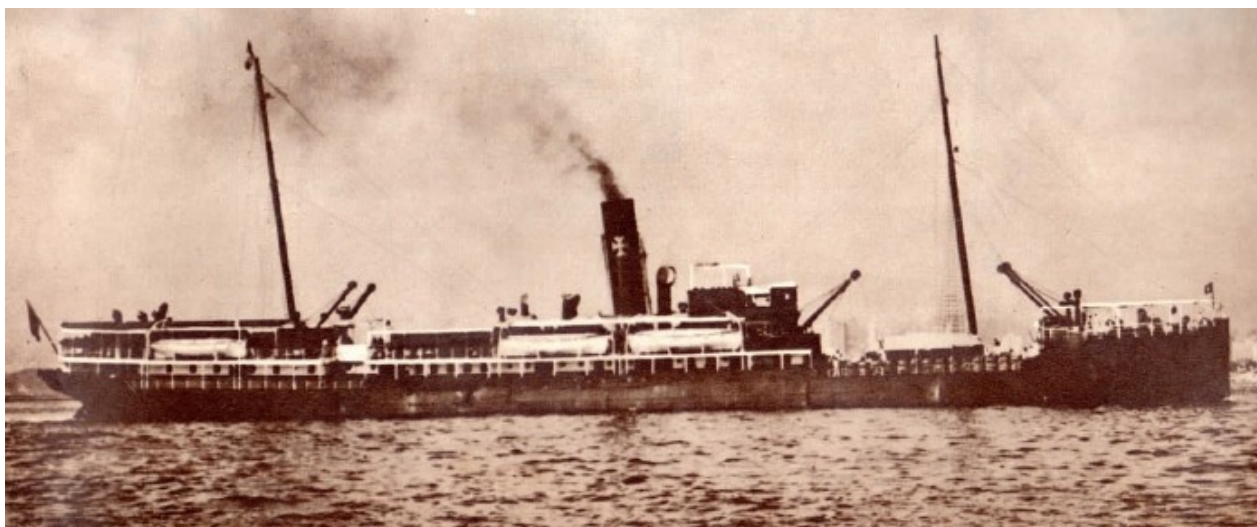
- Foto 2: Acervo Oswaldo Aranha. Foto 257/2

Memorial da Câmara de Vereadores de Valença-BA

- O Município (1939;1942)

- Valença Oficial: Orgão do município de Valença (1942;1945)

ANEXOS
ANEXO A – FOTOGRAFIAS DOS NAVIOS ITAGIBA E ARARÁ



Fonte: AGRESSÃO, 1943, p. 7-8.

ANEXO B – FOTOGRAFIA DOS NÁUFRAGOS E MÉDICOS VALENCIANOS



Fonte: Memorial da Câmara de Valença

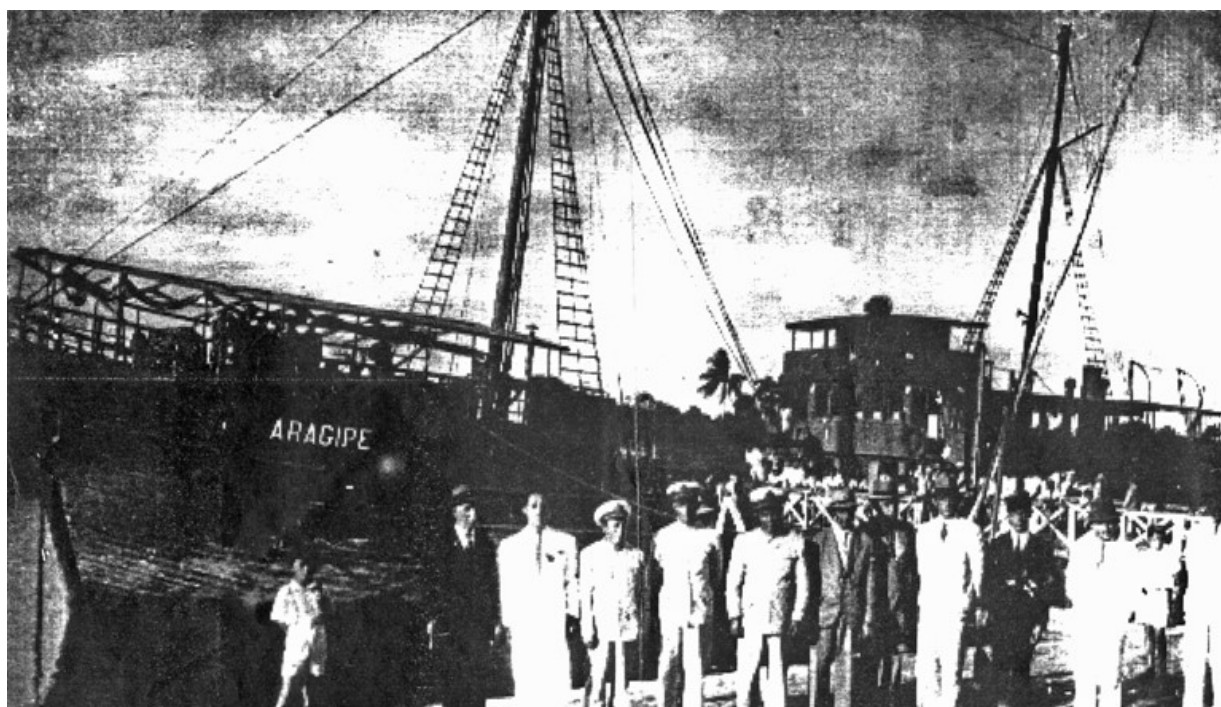
O casal de poloneses Natalio Aisenberg e Czeslava S. Aisenberg haviam participado de um casamento no Rio de Janeiro junto com Nute Faiwel Zylbersztajn e Alter Ber – respectivamente pai e irmão da noiva que não conseguiram se salvar. Os cônjuges foram atendidos pelos médicos valencianos Heitor Guedes e Elísio Pimentel.

**ANEXO C – FOTOGRAFIA DOS NÁUFRAGOS RECEBENDO CUIDADOS EM
VALENÇA**



Fonte: Memorial da Câmara de Valença

ANEXO D – IATE ARAGIPE



Fonte: Memorial da Câmara Municipal de Valença

**ANEXO E – FOTOGRAFIA DOS TRIPULANTES DO ITAGIBA E ARARÁ EM
VALENÇA**



Fonte: AGRESSÃO, 1943, p. 42.

**ANEXO F – FOTOGRAFIA DE SOBREVIVENTES ALMOÇANDO EM UMA
PENSÃO DE VALENÇA**



Fonte: ESTADO DA BAHIA, Salvador, 20 de Agosto de 1942 (2ª edição), p. 1.

Sejamos Patriotas!

FAÇAMOS ECONOMIA

Diminuindo o consumo de tudo que fôr procedente ou que dependa dos países de além-mar.

Independente das medidas postas em pratica pelo nosso governo, devemos economizar os gastos de tudo o que venha de outra parte — assim venceremos.

Evitemos os dispendios com artigos que permanecem sob a tutela do capitalismo desenfreado!...

ANEXO H – TRECHO DO “O MUNICIPIO” REPRODUZINDO BOLETINS DA
PREFEITURA

Aos Valencianos!

A união sagrada nacional é, no momento, o grande dever dos brasileiros. Valencianos! Cerrai fileiras em torno do Governo da República!

Trabalhar, é palavra de ordem do Governo. Valencianos! Aumentai, pelo trabalho sem treguas, o potencial econômico da Nação em armas!

A segurança nacional não deve estar à mercê das fraquezas de transviados, nem das manobras de traidores. Valencianos! De olhos e ouvidos atentos, ficai vigilantes!

O BOATO É INIMIGO DA PAZ E DA ORDEM. VALENCIANOS! NÃO DEIS OUVIDOS A BOATOS, AJUDANDO O GOVERNO A REPRIMIR OS BOATEIROS!

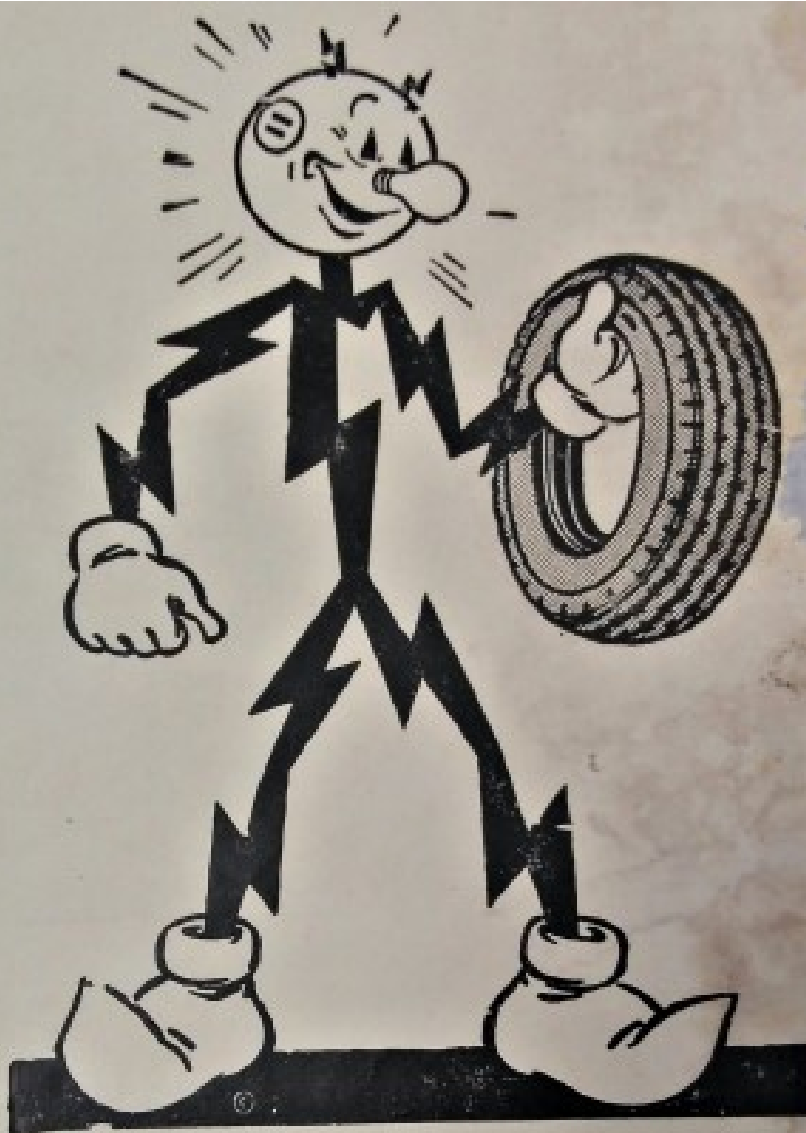
A hora presente é de abnegação e sacrifício. Valencianos! Sacrificai, no altar da Pátria, comodidades, bens e, se preciso fôr, a própria Vida!

A disciplina é a primeira condição da Vitória. Valencianos! Sêde disciplinados, cumprindo, sem hesitar, os deveres que a Guerra vos impõe.

Valença (Baía), Agosto de 1942.

Distribuído em boletins pela Prefeitura Municipal desta cidade.

ANEXO I – PROPAGANDA DA CAMPANHA DA BORRACHA



“CAMPANHA DA BORRACHA USADA”

— Quem não terá um artigo qualquer de borracha, que julga inútil?

— O Brasil precisa dele para vencer a guerra! — diz “Seu” Kilowatt, o criado elétrico.

Cia. Energia Elétrica da Bahia - Fone 1179

ANEXO J – FOTOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO DO ESFORÇO DE GUERRA NA BAHIA



Fonte: Anuário do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) da Bahia, 1943, p. 7.

A exposição aberta para o público ocorreu entre os dias 7 e 19 de setembro de 1943 no Edifício Oceania em Salvador. Na foto estão o Interventor do Estado da Bahia, o General Renato Onofre Pinto Aleixo e sua esposa, Ruth Villaboim Pinto Aleixo, presidente da Legião Brasileira de Assistência da Bahia.

ANEXO K – MARCHA “SAI QUINTA-COLUNA”

Sai, quinta-coluna!
Por sua causa é que eu vou me alistar
Quando eu botar minha botina no mundo,
Quero ver, quinta-coluna,
Se vai me enfrentar.

Se um cavalheiro brasileiro ou estrangeiro
Só vive falando em Roma ou Berlim,
Eu vou desconfiando
Que esse cara está bancando
O quinta-coluna pra cima de mim!

Fonte: MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Playlist:** II Guerra Mundial. Disponível em:
<http://memorialdademocracia.com.br/playlist-guerra>. Acesso em: 18 abr. 2020.

A autoria da marcha é de Antônio Nássara e Eratóstenes Frazão, interpretada por Joel e Gaúcho, lançada em fevereiro de 1943, para o carnaval daquele ano.

ANEXO L – SAMBA “EU VOU PARTIR”, DE CHICO PERDIGÃO E FRANCISCO SANTOS

Eu sei que vou partir
Alguém me chama
Tenho que seguir
Adeus, meu amor adeus,
A Pátria espera
Os sacrifícios meus
Eu quero dar-te o beijo
O beijo da despedida
Agora o meu coração
Pertence à Nação
A ela pertence a minha vida

O Brasil me chama
Tenho que seguir
A mulher que me ama
Deve resistir
Espere a minha volta
Confiante na vitória
Mas se eu não voltar
Morrerei com honra e glória

Fonte: CYTRYNOWICZ, 2000, p. 179.

**ANEXO M – ANTÔNIO LESSA SOARES (COM A MARCAÇÃO) E OUTROS
EXPEDICIONÁRIOS DA FEB**



Fonte: Arquivo pessoal de Anete Rodrigues Soares